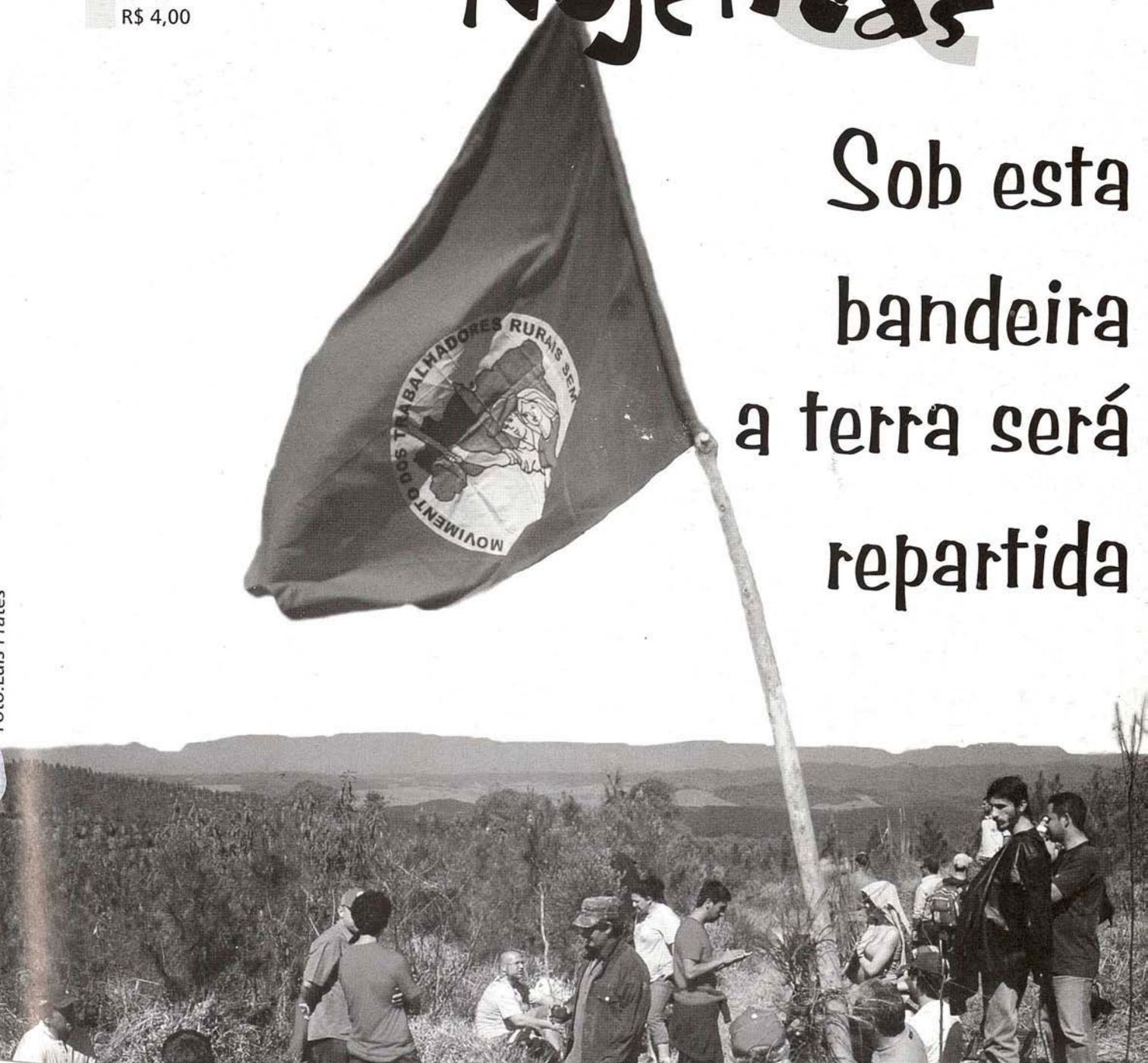
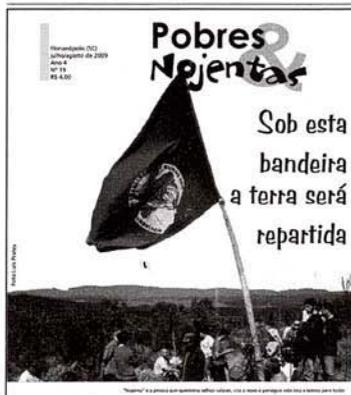


Florianópolis (SC)  
julho/agosto de 2009  
Ano 4  
Nº 19  
R\$ 4,00

# Pobres & Nojentas

Sob esta  
bandeira  
a terra será  
repartida





- 04 Num rancho do Campeche  
nascem os herdeiros do maestro
- 14 Essa negritude
- 16 Se vira nos 30: do Domingão do Faustão  
para as Agências do INSS
- 21 Mãos de médico para o bem da reforma agrária
- 22 Tinha uma árvore no meio do caminho
- 24 Para entender o golpe em Honduras

## Seções

- 03 Editorial  
A matéria tem que dormir
- 07 As delícias de Su&Li
- 13 Crônica  
Meu lado mulher e o seu marido (3)
- 26 Tempo Livre
- 27 Poesia  
Desligamento imprevisível

## Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil  
nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para [eteia@gmx.net](mailto:eteia@gmx.net)  
informando: data e hora do depósito,  
nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano  
(bimestral): R\$ 25,00  
(inclui as despesas  
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária,  
criadora, caminheira. Não quer lucro  
nem fama. Sonha derrubar muros  
que separam e escondem aqueles  
que têm a sua palavra calada,  
mutilada, censurada, castrada,  
quebrada, torturada, em nome do  
lucro, do mercado, da competição.

## Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Celso Vicenzi
- Claudio Silva
- Elaine Tavares
- Luís Prates
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Rosangela Bion de Assis
- Raquel Moysés
- Raul Fitipaldi
- Sandra Werle

## Edição

Elaine Tavares  
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:  
[eteia@gmx.net](mailto:eteia@gmx.net)

## Projeto gráfico, Editoração

e Tratamento de imagens  
Rosangela Bion de Assis  
(MTB/SC 00390-SC)  
Sandra Werle  
(MTB/SC 00515-SC)

## Revisão

- Mônica Fünfgelt

## Artes da Pobrecita

- Silva
- Eduardo Schmitz

## Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)  
[www.sindprevs-sc.org.br](http://www.sindprevs-sc.org.br)



Florianópolis/Santa Catarina

# A matéria tem que dormir

A Rosângela Bion de Assis, que diagrama a Pobres & Nojentas, sempre recomenda:

– Meninas, tem que deixar a matéria dormir.

Ela tem razão. A gente escreve a notícia, a reportagem ou o artigo, vai fazendo trança, dando nós, arrematando pontas, deixando a pele da linguagem mais sedosa. Aí termina, mas texto é que nem massa de pão. Precisa crescer.

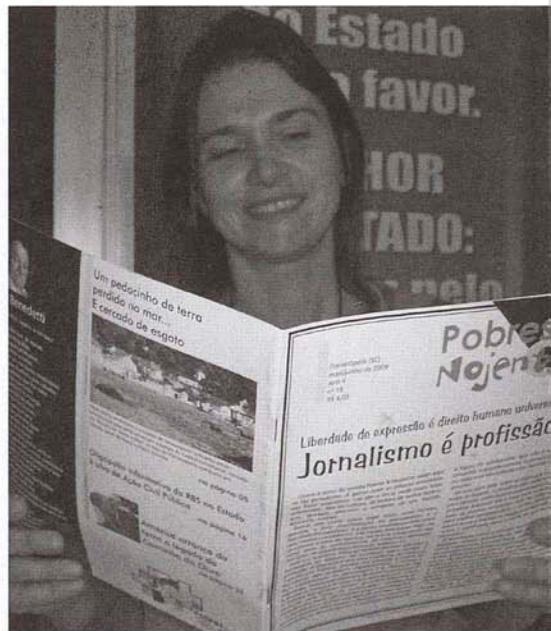
Então o melhor é, no dia seguinte, reler tudo e aí sim lançar a filha ao mundo. Repórteres de jornal diário não têm esse privilégio. Eles fazem dois, três, até quatro textos por dia, de tamanhos variáveis. Não é fácil.

Mas a ideia é sempre, na medida do possível, deixar a matéria dormir. Porque às vezes a matéria sonha, tem pesadelos, e no dia seguinte ela nos conta como, na longa trajetória da madrugada, é possível amanhecer mais disposta, com um verbo mais bem apanhado, um substantivo um

tanto mais denso, uma figura de linguagem ousada.

Nesta edição, que se refere a julho/agosto, mas que circula em setembro, as matérias dormiram um pouquinho demais. A equipe da Pobres andava às voltas com uma série de compromissos no trabalho, e estava difícil fazer esta nossa menina nascer. Mas aqui está ela, com reportagens sobre a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e dos trabalhadores da Previdência Social, e também um perfil do maestro Newton Kramer dos Santos, que semeia música num rancho de canoa na praia do Campeche, em Florianópolis. Há também um ensaio de imagens que são puro fogo, com a marca do repórter fotográfico Claudio Silva, o Sarará.

Com a P&N a gente percebe que sangra do mesmo jeito para escrever, a matéria dormindo ou não. Mas quando ela dorme e no dia seguinte revela seus segredos, a gente sangra com mais gosto.



Inea Giovana Arioli, psicóloga em Lages (SC), lê Pobres & Nojentas

## Cadernos Soberania Comunicacional - segunda edição

A revista P&N e o Portal Desacato lançaram a segunda edição dos "Cadernos Soberania Comunicacional", que apresenta propostas para a Conferência Nacional de Comunicação e a manchete "Latifúndios da comunicação só serão implodidos com participação popu-

lar". Os textos são os seguintes:

\*Ou inventamos, ou estamos perdidos!..., de Elaine Tavares

\*Considerações sobre Tecnologia concernentes à 1ª Conferência Nacional de Comunicação, de Marco Arenhart

\*Ministros do STF não sabem o

que é jornalismo, de Míriam Santini de Abreu

\*A materialização dos invisíveis - acumular conhecimentos e lutas a caminho da Soberania Comunicacional, de Raul Fitipaldi

Encomendas: [revistapobresnojentas@gmail.com](mailto:revistapobresnojentas@gmail.com)



### Agora a Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico:

Cadastre seu e-mail em [revistapobresnojentas@gmail.com](mailto:revistapobresnojentas@gmail.com) para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

Blog da revista

<http://pobresnojentas.blogspot.com>

No You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

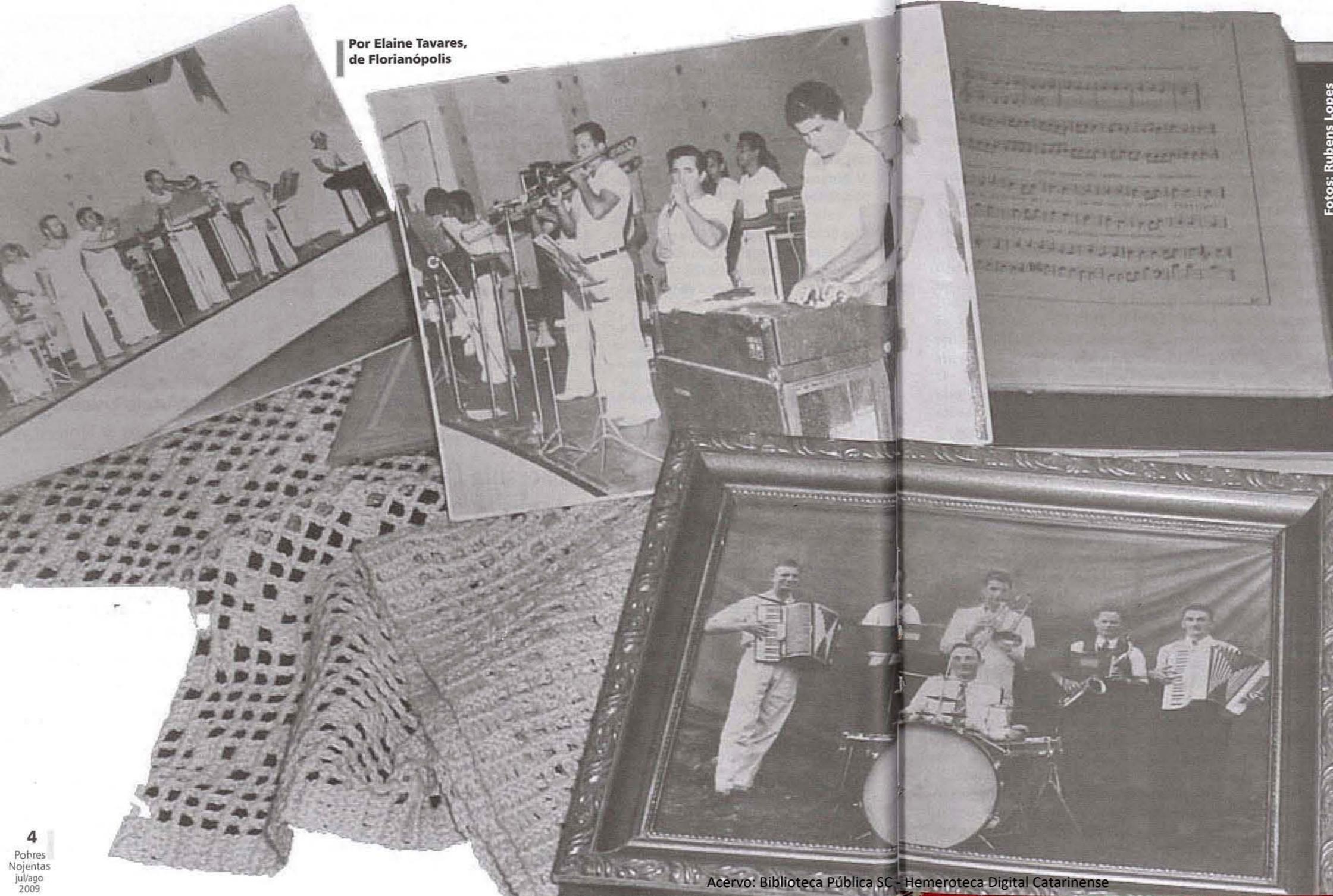
Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresnojentas.wordpress.com>

# Num rancho do Campeche nascem os herdeiros do maestro

Por Elaine Tavares,  
de Florianópolis

Fotos: Rubens Lopes



Sobre a mesa da casa simples de um militar aposentado repousa um pouco da história da música. Caixinhas de madeira finamente trabalhadas, instrumentos rústicos de fazer pauta, livros inteiros escritos a mão e perfurados com paciência são exemplos de um tempo em que escrever música era coisa de gente apaixonada pela arte. As relíquias pertencem ao maestro Newton Kramer dos Santos e foram construídas pelo seu pai, Aristóteles Augusto da Silva Santos, também maestro, no início do século XX.

Pois naqueles dias não havia à disposição dos músicos o papel pautado, onde se escreve a partitura. O que tinha era importado e ficava muito distante das posses de Aristóteles, um exímio tocador de bombardino. Buscando as lembranças do tempo em que trabalhara de tipógrafo, ele acabou inventando uma técnica para fazer suas próprias partituras. Criou um desenhador de pauta e com um instrumento usado por sapateiros ia fazendo os furinhos que representavam as notas. Desta forma artesanal ele copiava músicas inteiras e chegou a escrever um livro de teoria musical que o filho, também músico, guarda com delicada ternura. Quem olha o trabalho feito por Aristóteles não pode deixar de se emocionar. Seria preciso amar muito a música para realizar este feito. Durante muitos anos ele foi professor na Universidade do Paraná, e embora não tivesse estudo formal ele era uma referência no ensino da música.

No Exército, onde ocupava o posto de primeiro tenente, ele sempre foi conhecido como o "professor". É que quando todo mundo ia descansar, ele ainda seguia trabalhando, dando aulas em casa para os militares que faziam parte da banda. Maestro de mão cheia, ele insistia em dizer que todos os músicos precisavam ter uma formação teórica.

## Filho de peixe...

E foi assim, acompanhando as aulas que o pai dava para os colegas do Exército, que Newton começou a tomar gosto pela música. Aos 12 anos ensaiava os primeiros passos no estudo do trombone de vara, instrumento que tocou durante a vida inteira. "O pai cuidava muito as minhas notas na escola. Se eu ia mal, ele tirava uma volta do instrumento, o que impedia o som de sair certinho. Então eu tinha que me esforçar muito para seguir tocando." Por conta disso, aos 14 anos, Newton já se apresentava nos bailes em Curitiba, onde moravam.

Quando chegou a hora de servir ao Exército, Newton optou por seguir os passos do pai. Em 1960 fez concurso para cabo/músico e passou. A vaga era em Florianópolis, para onde ele veio mui fagueiro. E, de novo, no caminho do velho Aristóteles, ele se dedicou a ensinar. "Vi que os músicos não gostavam muito de estudar teoria, mas achava que isso era bem importante." Assim foi consolidando sua carreira de músico,



*Aristóteles, o precursor*

transformando-se também em maestro, condição que ocupou até 1992, quando foi para a reserva como capitão.

## Aprendendo e ensinando

Faz frio na beira da praia do Campeche. No rancho onde guardam a canoa e os apetrechos de pesca, os pescadores arrastam o barco para fora e abrem espaço para um projeto diferente. Ali, no meio das redes, rodeados pela milenar arte de colher a vida do mar, jovens, adultos e até alguns de idade mais avançada, ensaiam os primeiros passos no mundo da música. A ideia de fazer do rancho um lugar de ensino saiu da cabeça de outro militar aposentado: Getúlio Inácio. Também músico e maestro do Exército, ele quis aproveitar o espaço dos pes-

cadores para propiciar aos jovens da comunidade onde ele nasceu a chance de tocar um instrumento. É assim que nas noites de terça e quinta o velho barracão se enche de sons e notas, espalhadas pela praia mais bonita do sul da ilha de Santa Catarina.

Um dos maestros que ali está a conduzir o grupo é Newton Kramer dos Santos. Ele é quem cuida do ensino dos bocais. "Eu sou apaixonado pela teoria da música e adoro ensinar. Como sou amigo do Getúlio desde há anos, ele me convidou para este projeto. Eu estou maravilhado com tudo isso. Aqui o aluno não vem sozinho. Vem o pai, a mãe. É uma coisa linda." Newton já reparou que alguns dos alunos têm grandes chances de se tornarem bons músicos. "É um projeto para dar oportunidade aos jovens e se pelo menos quatro deles não se desviarem do caminho, eu já estou satisfeito."

Mas, assim como ensina, Newton também aprende. Aos 70 anos de idade resolveu fazer a faculdade de música, e é lá na UDESC, como bom aluno, que ele segue aprimorando aquilo que é a sua vida: a teoria musical. Diz que os colegas nem chegam a perceber que ele está na "juventude avançada", tamanho é o seu entusiasmo pela beleza de aprender.

## Os seguidores

Pelo menos dois alunos lá do rancho da canoa, Rubens Lopes e Renato Venuto, já escolheram o maestro como

guru. Todos os dias, depois das aulas, eles repassam os conhecimentos e conversam sobre o jeito de ensinar do professor. "Ele tem uma alegria que contagia a gente e nos faz acreditar que é possível aprender o mais difícil dos instrumentos. Com ele, parece que tudo pode dar certo."

Esse jeito apaixonado do maestro possivelmente é herança da mãe, uma mulher de muita fibra, nascida na Sibéria e que, imigrante, aos 13 anos já dava conta da própria existência na cidade de Porto Alegre, onde conheceu Aristóteles, que viria a ser o pai de Newton. "Eles se conheceram em 1939, em plena segunda guerra. A mãe nem falava o português direito. O pai a levou para um cartório e eles casaram. Era aquela pressa de viver, típica daqueles anos. Logo depois eu nasci", diz, rindo. Naqueles dias, o pai ainda era soldado e não podia se casar, então, o matrimônio teve de ser escondido até que ele subisse de posto para sargento.

Assim, essa pressa, essa alegria de viver e o amor pela música são coisas bastante visíveis na caminhada de Kramer. Não é sem razão que seu apartamento no Jardim Atlântico transpira jovialidade, inclusive no que diz respeito à adorável esposa, Marieta Ruth, que o acompanha desde 1963. "Quando ele andava por aí pelos bailes, era um sem-vergonha" – brinca, com seu riso largo – "Newton é um homem especial", diz, mostrando as fotos mais antigas,

nas quais ele aparece tocando em bailes de carnaval. "Ele sempre foi um gato."

## As relíquias

Mas, apesar de toda a alegria que Newton tem com a música, uma ponta de tristeza aparece quando ele conta que nenhum dos filhos seguiu esse caminho. Agora, ele teme que todo o material do pai, Aristóteles, que guarda com devoção, se perca quando ele encantar. "Já andei buscando em Florianópolis algum museu que quisesse ficar com tudo isso, afinal é um pouco da história da música aqui no sul, mas não há um espaço dedicado à música. Não sei muito bem o que fazer com isso. Queria que pudesse ser visto por mais pessoas". O livro escrito a mão, com toda a técnica de desenho de pauta e furos criada por Aristóteles, está na gaveta e já amarela.

A esperança talvez repose lá no rancho da canoa do Campeche, onde outros olhinhos brilhantes começam a se apaixonar pela beleza das linhas e das notas, despertados pelo velho maestro. Talvez seja por isso que ele ainda faça, todas as semanas, com indisfarçável alegria, o longo caminho que o leva do continente até o Campeche. Porque, ali, na beira daquele mar encapelado, dentro de um rancho de pescadores, haverá de estar sendo gerado o seu herdeiro musical. Este não será filho da simpática dona Marieta, mas nascerá do amor de Kramer com o som do mar, tão filho como os de sangue.



## as delícias de **Su&Li**

# Sopa de agnolini, quentura no inverno

*Descobri, com orgulho, que a coluna Su&Li não trouxe apenas sabores às pessoas: foi além, e despertou lembranças.*

*Com que alegria percebo a inspiração de tantas amigas, que querem trazer um pouco de si nos cheiros e sabores de suas vidas.*

*Hoje, a receita (hum!) e a viagem no tempo são da Míriam Santini de Abreu:*

Às vezes, o inverno na Serra Gaúcha é envolto em neblina. Só é possível ver o que está a cinco, dez metros. Depois, só brumas. E aí a grande alegria é poder estar em casa, a chapa do fogão repleta de pinhões, a boa leitura feita sob cobertas quentes. E, à noite, molhar o pão no caldo de uma sopa de agnolini. A sopa de agnolini é um pitéu da culinária da Serra. A minha mãe, Eluci, sabe fazer tudo, desde o recheio até a massa passada na máquina.

Uma das tradições de família, quando éramos crianças, era a seguinte: o César, meu irmão do meio, ficava com o encargo de fazer as bolinhas de recheio. Eu, que sempre fiz questão de ter encargos bem vagos, adorava verificar, de soslaio, se o Cé estava distraído e, então, juntar quatro ou cinco bolinhas e comer tudo de uma vez só. O Cé berrava:

- Mãe, olha essa guria, ela não pára de comer!

Eh, eh, eh, como era divertido!

E fazer sopa de agnolini é assim:

### **Recheio:**

Cozinhar 1 peito de galinha na água, que também será o caldo da sopa

Moer o peito e misturar a carne a uma clara de ovo, noz moscada, um pouco de canela, sal e queijo ralado. Amassar bem

### **Massa:**

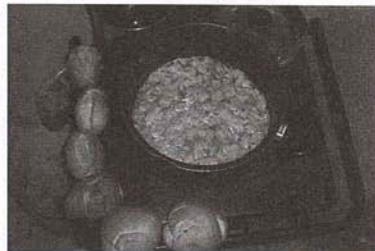
3 ovos, 3 xícaras de farinha de trigo, 1 colher de óleo e 2 colheres de água. Amassar até que fique bem lisinha e, depois, passar na máquina para espichar

### **Caldo:**

Usar a água na qual foi cozinhada a galinha. Colocar uma cebola, alho, tempero verde e 1 caldo de carne

### **Como fazer o agnolini:**

É preciso cortar a massa já espichada em pequenos quadrados. Colocar o recheio e fechar, unindo as duas pontas. Deixar o agnolini secar por algumas horas e, depois, cozinhar no caldo. Servir com queijo ralado e pão. Fica ainda melhor com um pouco de cren, uma raiz forte de origem europeia. Os imigrantes ralavam a raiz e deixavam curtir três ou quatro colheradas num copo com vinagre de vinho tinto. Hoje, o bom cren é triturado no liquidificador. Num copo de raiz forte, vão duas ou três colheres de vinagre de vinho branco e uma colher de açúcar. A mistura deve ter a consistência de uma pasta, quase como uma mostarda.



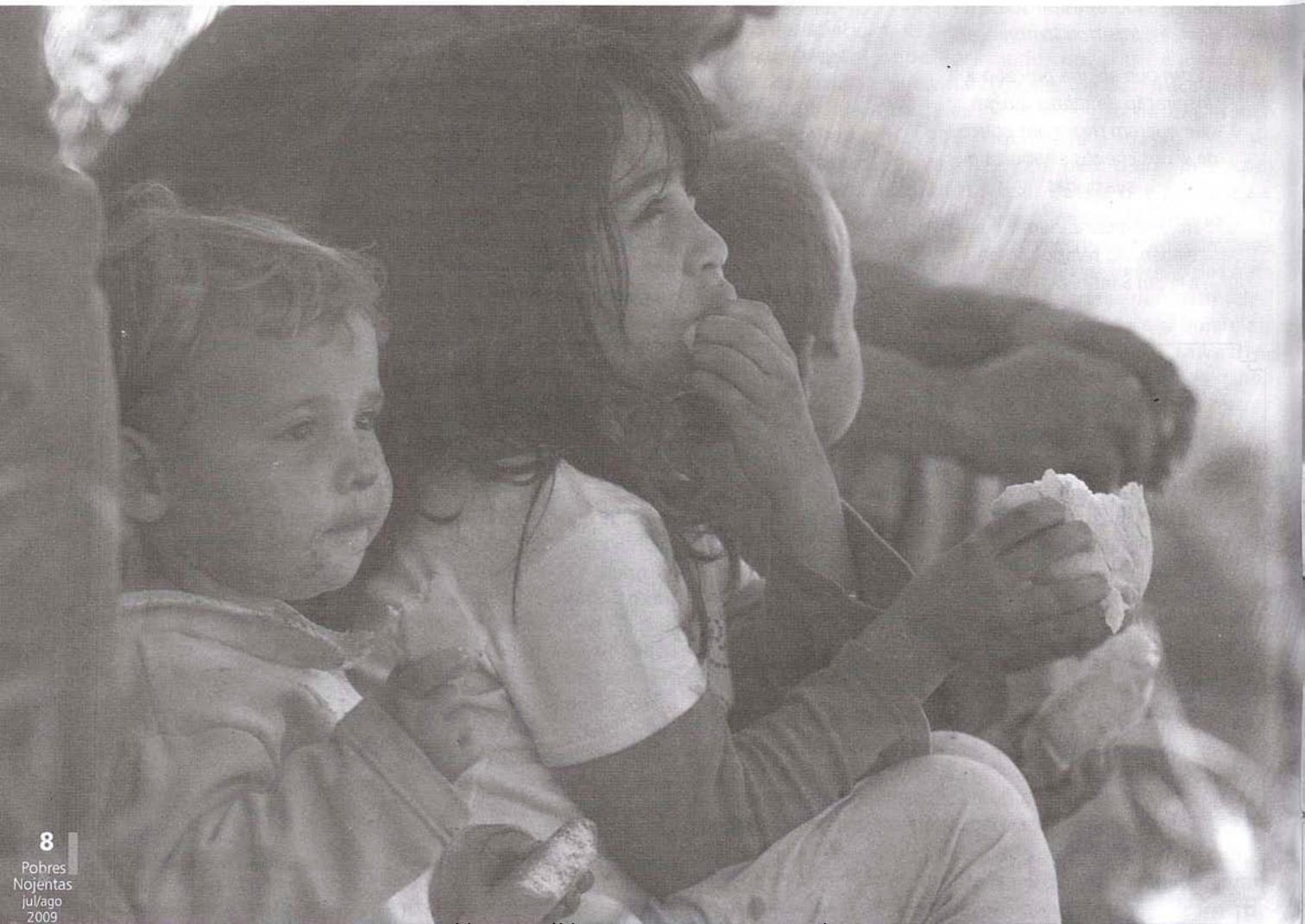
# Divida-se o ventre desta terra

Por Miriam Santini de Abreu, de Taió (SC)

O título da reportagem homenageia o belo poema de Mona Lisa Budel sobre a ocupação em Taió. Um dos trechos diz:

*“Abra-se a terra  
Divida-se o ventre, tantas vezes tomado para o nada  
Abra-se o útero  
Que o povo tem sede de chão  
E sementes nas veias”.*

Fotos: Luís Prates



Foi na madrugada de 31 de agosto que os pés afundaram na lama da picada aberta na mata. De manhã se falou muito disso: - Quanto barro era, meu deus! Mas aquela dificuldade já ficara para trás. Nas primeiras horas do dia era preciso erguer as lonas, carregar de longe os baldes de água, fazer comida. Ali, no acampamento batizado de Miguel Fortes da Silva, em Taió, no Alto Vale do Itajaí, cerca de 50 famílias ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) lutam para fazer valer a lei.

O acampamento está dentro da Fazenda Mato Queimado, que desde abril, por decisão da Justiça Federal, deixou de pertencer a particulares e passou ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Esse é quase o passo final num processo que é sempre longo. Ele significa que a fazenda foi considerada improdutiva e pode ser desapropriada para a reforma agrária.

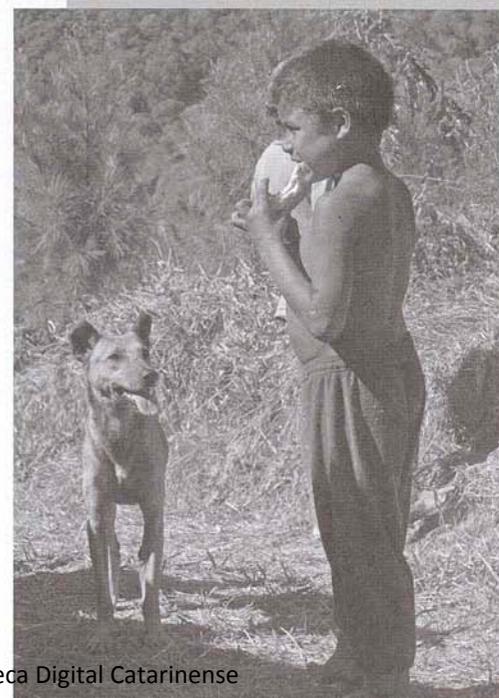
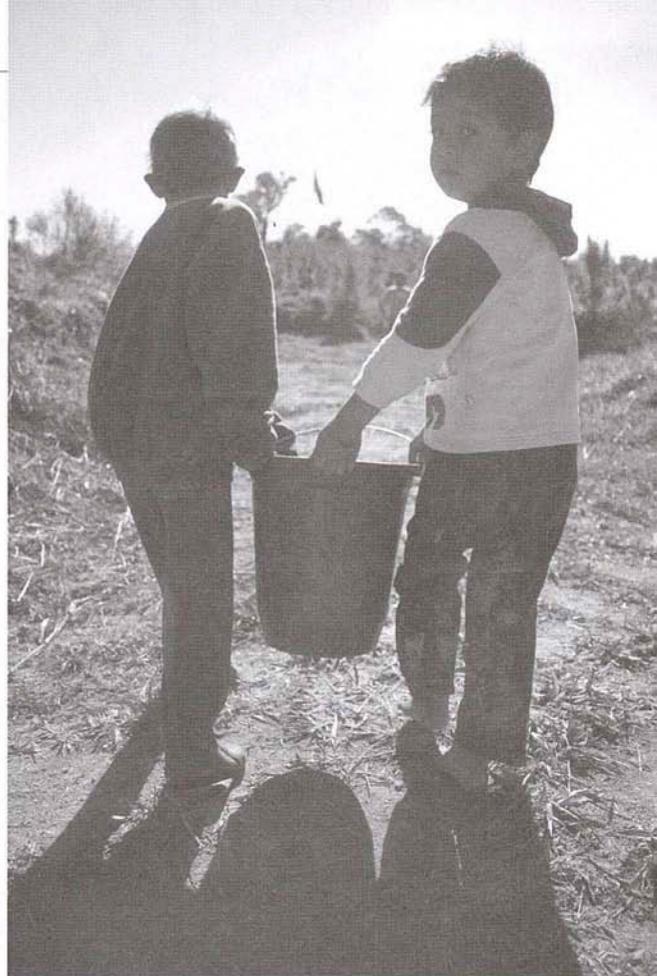
A Constituição Federal de 1988 afirma que a todos é garantido o direito de propriedade, mas desde que seja atendida a chamada função social. O artigo 186 da lei maior do país também diz que a função social é cumprida quando a propriedade rural atende, ao mesmo tempo, os seguintes requisitos: aproveita, de forma adequada, a terra e os recursos naturais, respeita as relações de trabalho e é explorada de forma a favorecer o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. Na Fazenda Mato Queimado não era assim. Por isso, o Incra agora deve entregar a área, de 935 hectares, para os colonos que irão transformá-la em terra produtiva. Mas os órgãos públicos ainda não cumpriram na íntegra o que a justiça mandou fazer.

## Madeira e música

Neri Padilha, 64 anos, desceu a estrada de chão batido com três pedaços de madeira no ombro. Vigas da barraca improvisada. Mais tarde, passou abraçada ao violão do cunhado, instrumento que encontrou depois de muito procurar em meio a sacos de roupas e mantimentos. Como os demais acampados, ela antes estava, de forma provisória, em um assentamento no município vizinho de Santa Terezinha, todos à espera de receber a terra na Fazenda Mato Queimado. Era para dona Neri ficar lá, mas ela preferiu acompanhar o irmão, a cunhada e os três filhos do casal. "Não sou acostumada a ficar sozinha, venho junto, nem que seja pra ficar num buraco na pedra", comenta, com um sorrisinho cheio de rugas.

A cunhada Cleonice de Lima conta que a família luta há 14 anos para ter terra onde plantar. Num acampamento em Campo Erê, no Oeste Catarinense, viram florescer feijão, milho, mandioca, tudo arrasado quando tiveram que sair. Cleonice conheceu o marido, Nicanor, em Palmas, no Paraná, onde trabalhavam em uma empresa do setor de madeira. Plantar, podar, abater pinus com serrotinho, receber quarenta reais por caixa de mil mudas acolhidas na terra. Morar de aluguel no terreno da firma, embaixo de lonas. "Nunca a gente teve nada", diz Cleonice.

Um pouco longe dali, no terreno plano onde foram descarregados os poucos objetos pessoais das famílias, Rosinei Lopes da Costa, 28 anos, se perguntava: como levar a cama? De que modo atravessar a picada lamacenta com aquele peso e encontrar as outras famílias? Tudo o que



*Santin, 30 anos à  
frente da luta pela  
reforma agrária*



*Estudo irá definir  
uso da terra, diz  
Geneci, do MST*



ela juntou na vida estava ali, nos sacos em volta da cama de beiradas gastas. Mas Rosinei não é de desistir. No Paraná, de onde veio porque no estado vizinho ela e o marido não encontravam serviço, Rosinei e as demais trabalhadoras tiveram que convencer os homens de que podiam, sim, fazer serviço pesado. “Tinha que colher mandioca e encher o caminhão, mas eles não queriam levar mulher. Mas a gente ia e enchia o sacolão!”, conta, com um entusiasmo que faz a filha Andréia sorrir. Desde que saiu da casa dos pais, Rosinei só conhece teto de lona.

## Sob ataque da mídia

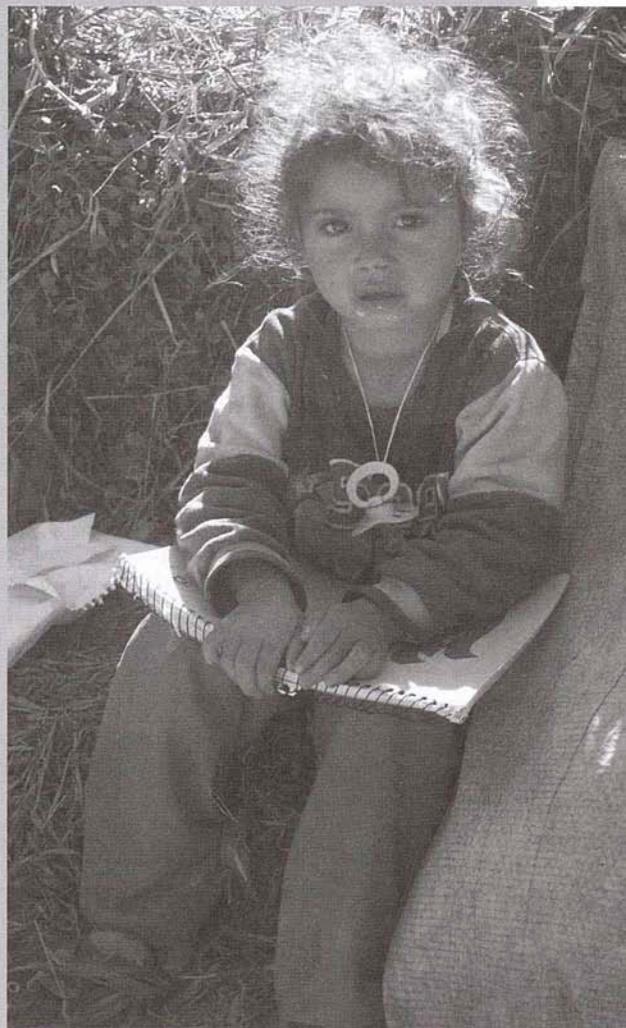
Na segunda semana de agosto, o MST participou da Jornada Nacional de Luta e apresentou reivindicações ao Governo Federal. O Movimento exigiu 1) o assentamento de 96 mil famílias que estão em acampamentos e melhoria das condições de assentamentos onde estão 46 mil famílias; 2) plano de desenvolvimento dos assentamentos (crédito, assistência técnica, infraestrutura); 3) atualização dos índices de produtividade da terra, defasados há 35 anos – os índices são usados como parâmetros legais na desapropriação de terras para a reforma agrária; 4) recomposição do orçamento para a reforma agrária, que foi cortado em torno de R\$ 1,2 bilhão.

O governo atendeu algumas reivindicações. Foi o que bastou para a grande imprensa – que vive de gordas verbas públicas de publicidade – atacar violentamente o MST. A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou em junho que os chamados países em desenvolvimento receberam, em 49 anos, o equivalente a 2 trilhões de dólares em doações de países ricos. Só que, apenas no último ano, instituições financeiras e bancos em geral, ameaçados pela crise global, receberam 18 trilhões de dólares em ajuda pública. A grande mídia não criticou. Banqueiro pode; trabalhador, não.

Taió é um emblema de como a reforma agrária é tratada no Brasil. O Incra disse que a Fazenda Mato Queimado é improdutivo. A justiça concordou e mandou desapropriar. Só que o proprietário se recusava a permitir isso, e conta com o apoio de parte do poder político e econômico de Taió, da Polícia Militar local e da imprensa. No pequeno município de 18 mil habitantes se construiu um discurso feroz contra o MST e os acampados. Em uma audiência de conciliação realizada em 2008, os sem terra foram alvo de pedras e ovos jogados pela população.

Na primeira tentativa de fazer a chamada imissão de posse e entregar a terra aos futuros assentados, em 6 de maio, a entrada dos técnicos do Incra, da Polícia Federal e de um oficial de justiça na área foi proibida. A estrada passa na área da empresa Heidrich S.A, cujo dono também é o ex-proprietário da Mato Queimado.

Naquele dia, ele e seguranças privados armados fecharam o acesso à fazenda, derrubaram pontes e apreenderam os pertences das famílias com o apoio de policiais militares de Taió. Tudo foi jogado em um ferrolho. Os atos foram denunciados ao Comando Geral da PM e, em junho, a justiça mais uma vez ordenou a imissão de posse. O Incra conseguiu entrar com 21 agentes federais, mas a assessoria do órgão confirma que ao menos quatro tiros foram disparados não se sabe por quem, tudo para impedir que se cumprisse o mandato judicial.



**Veja o vídeo  
da ocupação em**

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

Agora, aquela terra conquistada irá se transformar em solo produtivo. Mas, para isso, é preciso antes reparar um trecho de outra estrada que irá garantir o ir-e-vir dos assentados. Depois se inicia a elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA). Geneci Andrioli, da coordenação do MST, explica que esse é o nome do estudo que irá definir a quantidade exata de famílias assentadas, assim como as melhores opções de produção de acordo com a realidade da região, como o tipo de solo. A posse da terra, naquela paisagem vasta a 290 quilômetros de Florianópolis, é apenas o primeiro passo.

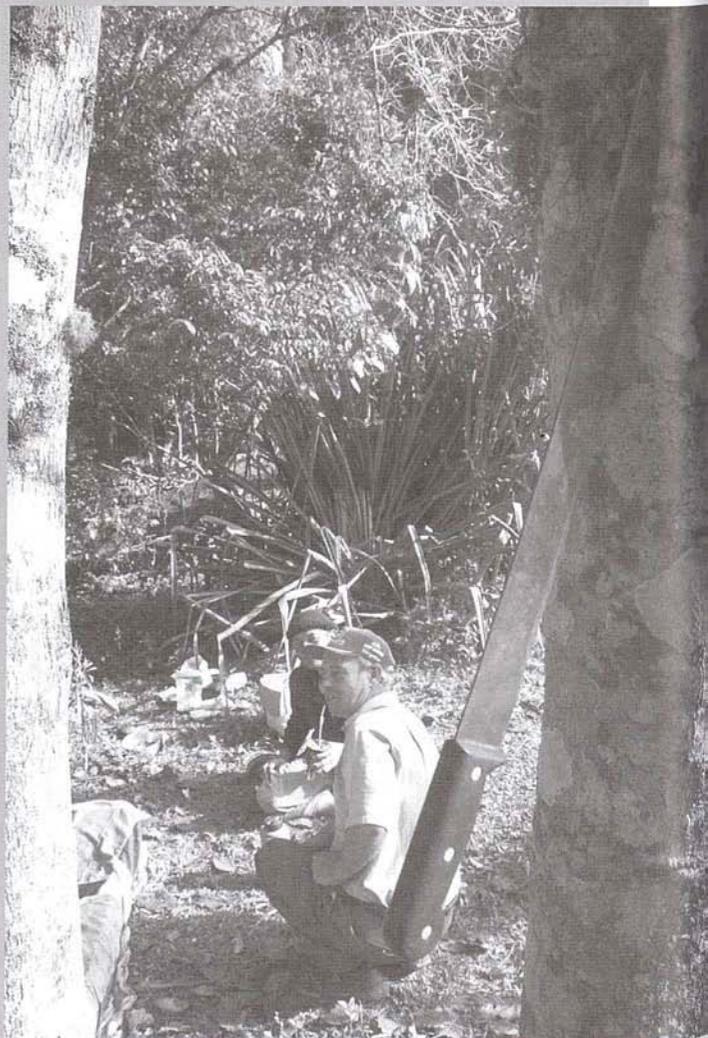
## Dois modelos em jogo

É a tarde do primeiro dia de acampamento. Uns sobem a ribanceira carregando água. Outros improvisam o teto das barracas com treliças. Os cães espiam os sanduíches nas mãos dos meninos. Lá onde inicia a picada barrenta, algumas famílias ainda organizam as coisas para se juntar ao grupo colina acima, e amontoam-se centenas de sacos com objetos pessoais. Um guri passa na trilha com uma galinha no braço esquerdo e um colchão mal-apoiado no direito. O tratorzinho sobe carregado com outros colchões. Mais adiante, um piá percebe que os pintinhos querem fugir de uma caixa e, com cuidado, coloca todos de volta no abrigo.

Onde a vista alcança estende-se a terra, e isso faz lembrar do que disse Vilson Santin, da Coordenação Nacional e Estadual do MST: quem já terá sido expulso dali? Como ela foi adquirida? Por quais meios? A história local fala do ímpeto empreendedor dos imigrantes e de seus descendentes. A história dos derrotados, ninguém conta.

Santin faz essas perguntas sentado na beira da estrada onde o acampamento floresce. Filho de Xanxerê, no Oeste catarinense, filho de pequenos agricultores sem terra, fez-se militante em 1979. Nesses 30 anos, carrega a certeza de que, num mundo em que a fome é presença/ausência na vida de milhões de pessoas, estão em jogo dois modelos.

Um é a agricultura capitalista, do latifúndio de um só cultivo, o mais lucrativo possível, dos alimentos geneticamente modificados propagandeados como salvação revolucionária. Outro é modelo da agricultura familiar, camponesa, voltada para a produção de alimentos saudáveis, que busca uma sociedade igualitária, solidária e ecologicamente sustentável. "Por isso a reforma agrária não interessa aos capitalistas, mas interessa, sim, aos pobres e aos trabalhadores", diz Santin. Em três décadas num Movimento cuja ação é tantas vezes tratada como crime, em que tantos morreram na luta pela terra, a gente percebe intacta, no Santin, a Vontade. E por isso eles caminham, porque o povo tem sede daquele chão.



# Meu lado mulher e o seu marido (3)

Por Raul Fitipaldi,  
de Florianópolis

## Reflexões de um sológamio – bolero

*Últimos momentos da crônica anterior: "... Lá vai ele, caminhando firme pelo jardim e olhando pra cima, o vôo sereno dos pássaros no céu da Ilha. Olha, olha, e de repente se limpa a camiseta, e entra voando ao banheiro para se lavar. Algo caiu do céu..."*

O que caiu do céu na crônica passada você está livre de imaginar. Não interessa. De fato, apesar dessa agressão da natureza volátil, segui caminhando até o portão, e me larguei pela rua ao meu passeio matinal. Meu lado mulher decidiu ficar em casa, me olhou desde a varanda, virou as costas e se deteve a refletir na soleira. Meu lado marido me acompanhou. Observei-o. Parecia com mais vontade de andar que eu. Fugia de algum espaço ou de alguma coisa. Fugia com cara de bolero.

Nem se passaram 500 metros e já falava baixinho, refletia em voz alta. Estiquei o auricular para assuntos íntimos e fui além da voz, me meti direto na saleta onde fabrica os pensamentos. Era um homem submerso nas perdas, apegado marcha à ré. No entanto, suas queixas eram doces, respeitadas, nada banais, compreendia,

mas não conseguia aceitar. Meditava para dentro, tinha vergonha de se expor. Aumentava a passada e o coração se preparava para trabalhar nos limites recomendados pela cardiologista. Lá ia; eu atrás, por dentro, aos lados; eu com ele. Meu lado mulher ligava o computador, viajava para diante, programava o futuro imediato, determinava o futuro-mais-que-perfeito. Seus dedos teclavam com pena, com culpa, com dor, nem por isso paravam de teclar.

Com toada cafona, o corpo abraçando ares, seguiu sua caminhada. Chegou às 120 batidas por minuto. Isso lhe faz bem. Fica mais tranquilo. Fala e escuto, diz e pressinto: "Caracas meu, nunca tive um romance de estação. Se estive a vida toda casado... Casei tantas vezes que deveria estar menos atormentado por ficar sozinho já... já... porra, vai pra dez meses. Ora, me dei ao trabalho de amar sem férias

quase 20 anos, trabalhei tanto esse amor e fiquei demitido sem justa causa. Para aí, não é o fim do mundo. Claro, eu sei que o mundo não termina quando acaba a vidinha da gente. Opa, que dramático, não vais morrer por isso. Olha, estás caminhando como todas as manhãs, e o dia está lindo, fresco, azul, leve. Sim, e partilho isso com quem? Contigo, bobão. Vai, segue, faltam 15 minutos ainda. Mentira, falta mais, como se chega? Aonde termina? Poxa, para de choramingar, segue andando, anda, anda, um dia chegas lá. Sim, chego, chego meu amigo, prepare o cinzeiro que quero dormir. Pára, chega, ora bruto, gosta de ti um pouquinho!" Alonga, estica, bebe, mede as batidas, alonga, estica, bebe de novo. Volta, dá volta por cima!"

Meu lado mulher o viu chegar, eu olhava os dois. Ele tinha medo de olhar para o escritório, meu lado mulher

de costas não enfrentava meu lado marido. Os ombros dos dois tremiam. Ainda rolava ternura no ar. Carinho reinava ainda. Entendi que tinha que tomar uma atitude. Tomei. Me aproximei dos dois e falei baixinho, com andor, sem pressa, com imensa delicadeza, fiz uma procissão entre suas angústias. Fui padiola para carregar os monumentos da minha vida. Lhes expliquei que, em certo modo, aqui dentro de mim, estão os dois, os dois para sempre. Que irão comigo até o final. Que dentro de mim são inseparáveis. Que tem muita crônica a escrever juntos, muita música a cantar, muita notícia a entender, muito amor a se dar, aquele amor puro que vem do fundo da história, amor amigo, parceiro. Sim, tudo bem, sem corporeidade, mas infinito e perfeito. Falei para eles: "Fiquem sossegados. Eu estou aqui. Sou testemunho do amor que se têm, do momento que estão passando. Os entendo, os quero, gosto de vocês. Fiquem aqui e não saiam, lá fora o mundo está difícil, está duro, está comum." E assim foi, dormiram aconchegados no meu espírito mais leal, na minha memória mais justa; sem fotos, sem filmes, sem nomes. Mais dois apenas, dois fechando outra crônica, menos divertida, algo kitsch. Nada que não possa gritar aos quatro ventos e assinar por eles.

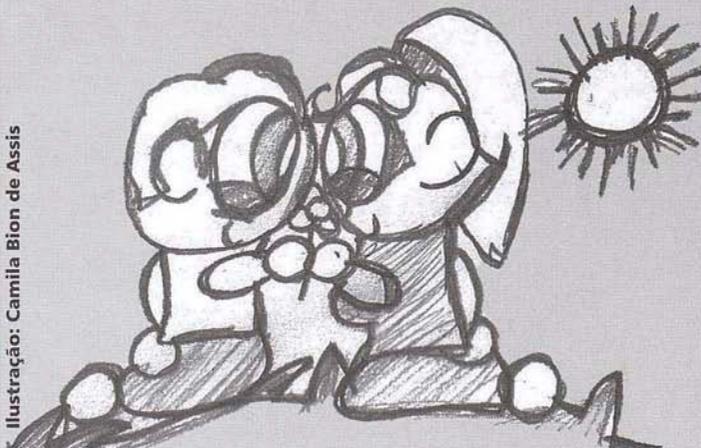
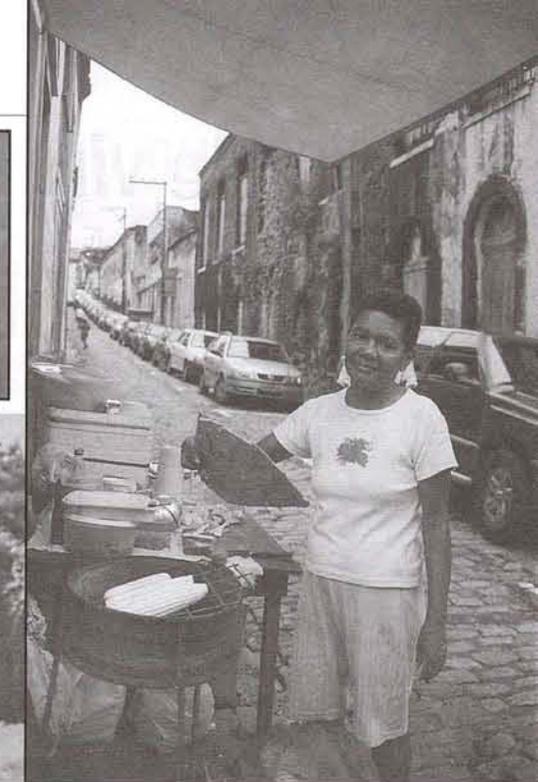
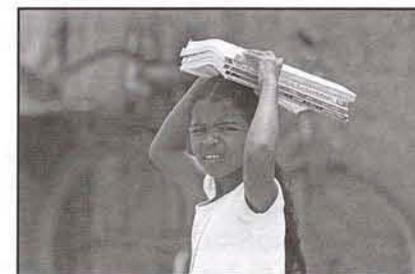


Ilustração: Camilla Bion de Assis

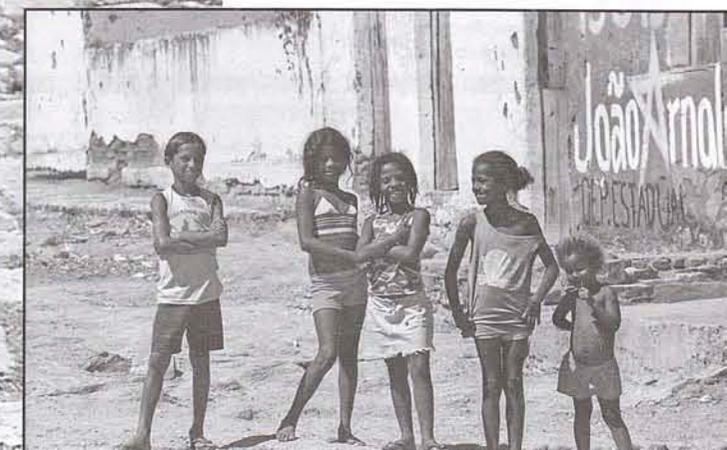
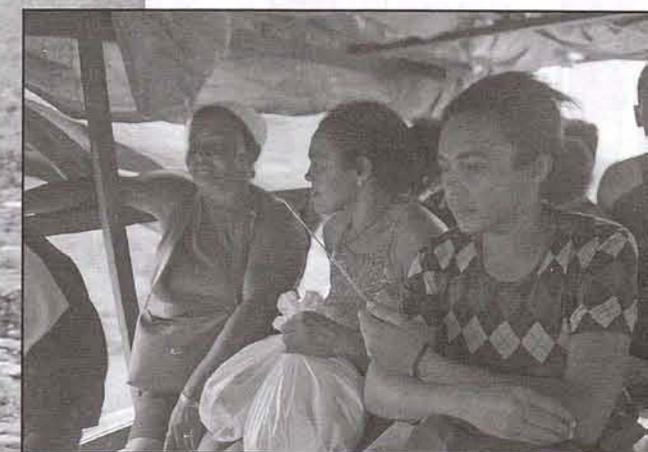
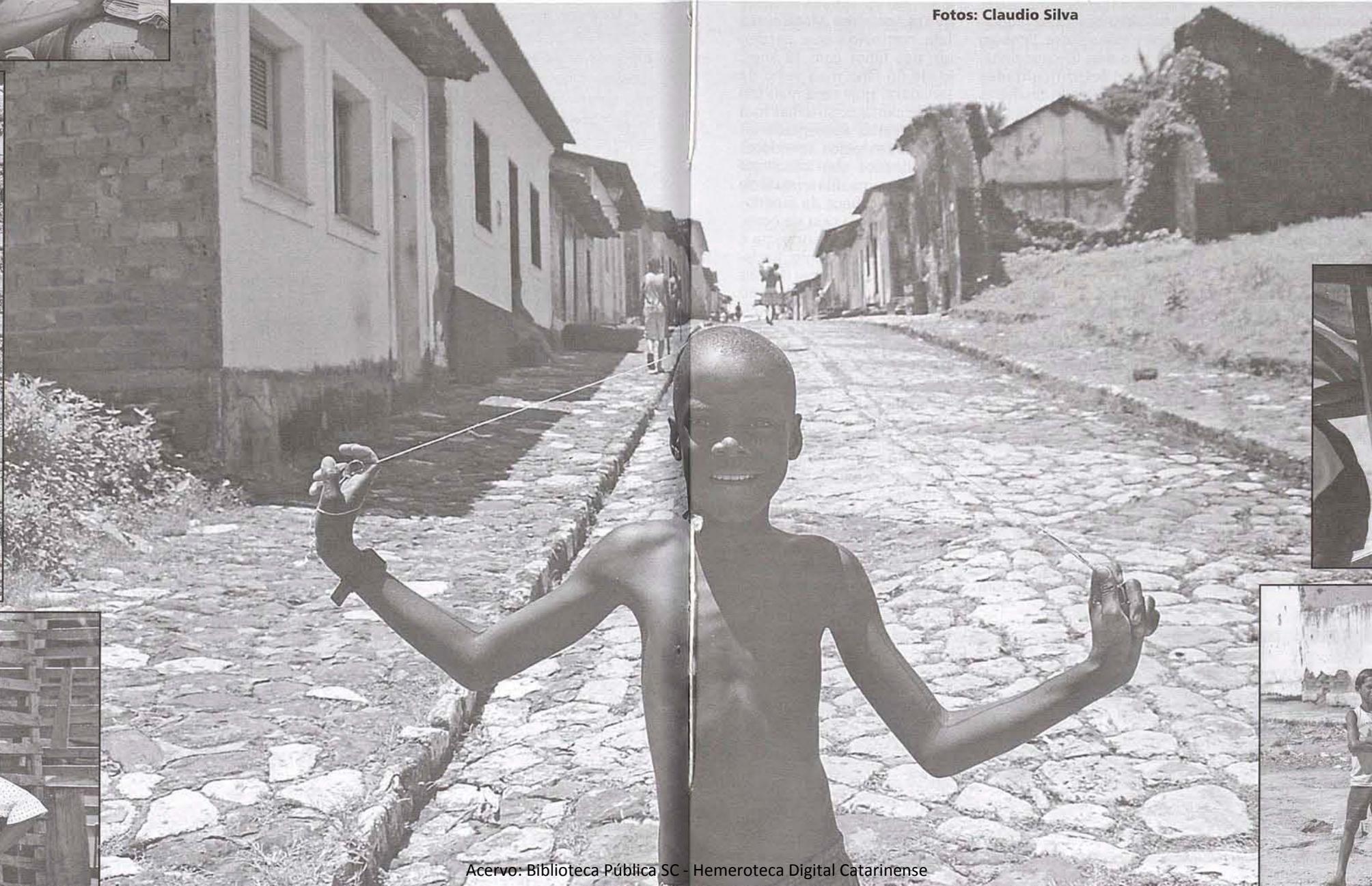
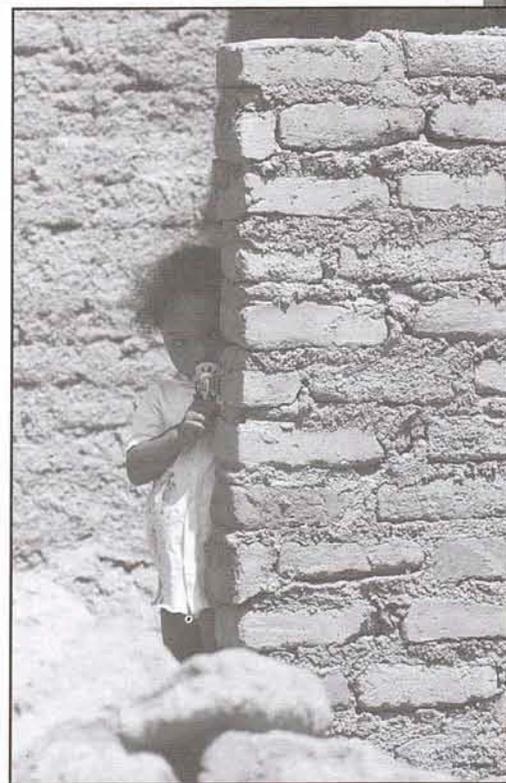


# Essa negritude

Claudio Silva da Silva é repórter fotográfico. Um dos melhores. Seu clicar é brasa viva, descoberta, vulcão. O olho mágico captura, a despeito de tudo, a beleza que vive no outro. Aqui, nestes estradares, ele foi buscar o trabalho, a alegria, a brincadeira, o cotidiano viver. Eternizada fica essa negritude, esses braços, essas gentes. Sem autocomiseração, sem reclamos. Mas a altaneira vontade de seguir em frente, acreditando que será pela mão do povo que virá o esperado meio-dia.



Fotos: Claudio Silva



# Se vira nos 30: do Domingo do Faustão para as Agências do INSS

Por Marcela Cornelli,  
de Florianópolis

A história de Maria é ilustrativa, foi escrita com base em depoimentos dos servidores que trabalham nas agências da Previdência em Florianópolis. História como a de Maria se repetem Brasil a fora.

Maria entra numa agência do INSS para requerer sua aposentaria. Depois de anos de trabalho caejado na roça, mais alguns anos como costureira, outros trabalhando como faxineira num supermercado, lá se foram 30 anos de trabalho duro, de suor, de exploração. Os dois filhos estudaram em escola pública, mãe solteira, ela os sustentou sozinha. Pegava dois ônibus lotados todos os dias para chegar ao trabalho. Mas, até que enfim um alívio, depois de tanto contribuir para a Previdência, pagar os descontos direitinho todos os meses, ela teria sua aposentadoria e, o mais incrível, em 30 minutos, como disse o presidente Lula e alardeavam várias propagandas, na televisão. Dona Maria então entra na agência, confiante no que o Presidente falou e até pensa em 2010 votar nele novamente, afinal graças a ele iria conseguir sua aposentadoria. O atendimento, agendado de forma "moderna e eficiente", pelo 135, é outra proeza do governo. Maria, então, já no balcão mostra a sacola de documentos que

trouxe e espera em 30 minutos sair dali aposentada, como prometeu o Presidente. Atrás do balcão outra trabalhadora, também mãe solteira. Também criou seus dois filhos sozinha, com grandes dificuldades que são comuns às mulheres que sustentam sozinhas uma casa. A funcionária pública ciente da sua missão de servir atende com atenção e escuta um resumo da vida de Maria, já se passam alguns minutos, examina os documentos, checa no sistema, mais alguns minutos. O sistema cai. E lá se vão muitos minutos. O sistema volta, lento, moroso. A servidora fica angustiada mas nada pode fazer. Maria continua falando de sua vida. Mas a funcionária pública só presta atenção ao computador que não funciona, olha o relógio e vê os 30 minutos passando. Tenta respirar fundo, mas não há janela, quer tomar água, mas acabaram os copos no bebedouro. As costas doem porque a cadeira e os móveis da agência são velhos. Nos olhos de Maria a esperança da aposentadoria em 30 minutos; os olhos da servidora

pública pedem desculpas por não poder fazer mais rápido e de canto olham o chefe que se aproxima. Maria então fala comovida que perdeu um dos filhos com 18 anos, idade do filho mais velho da servidora. Hoje seria mais um dia de cansaço. Sistemas fora do ar. Várias aposentadorias agendadas pelos servidores terceirizados que trabalham no 135, uma fila virtual se forma na cabeça da servidora. E o sistema caiu de novo. O chefe então se aproxima e aponta para o relógio. Reclama que ela conversou demais com Maria. Se passam os 30 minutos e a Maria não consegue sua aposentadoria. Poderia ter brigado e insultado a servidora como muitos fazem, mas Maria se solidarizou à servidora, quando viu o chefe dela totalmente indiferente aos seus problemas, só preocupado com os 30 minutos. Maria encaminha sua aposentadoria, mas agora sabe que a realidade das agências do INSS não é como dizia a propaganda do governo e a culpa não é dos servidores como ela antes pensava.

Fotos: Arquivo  
Sindprevs/SC

Momentos das lutas dos servidores da Previdência (da esquerda para a direita) na Greve de 2009



# Trabalhamos com pessoas, não com números

Com 25 anos dedicados ao serviço público, Estela Wolf Goulart, divide sua vida nas tarefas de mãe, profissional, mulher e militante do movimento sindical. "Eu gosto do que faço, de atender ao público. As pessoas vêm aqui em busca da aposentadoria e acabam contando suas vidas, falam dos seus problemas, acabamos sendo psicólogos e conselheiros. Não somos máquinas atrás de um balcão. Acabamos nos envolvendo. Outro dia uma senhora chegou contando que seu filho de 20 anos havia sido morto dentro de casa com um tiro de revólver. Fiquei chocada. Também tenho um filho de 20 anos. Como eu podia não ouvir aquela mãe e simplesmente dizer: - Senhora tenho 30 minutos para conceder sua aposentadoria, não quero saber de suas dores. Trabalhamos com pessoas, não com números", diz Estela.

Estela nasceu em Lages e veio com os pais para Florianópolis aos 15 anos de idade. Quando entrou no curso de Economia na UFSC foi morar sozinha e desde então sempre se sustentou com o seu trabalho. Enfrentou a barra e o preconceito de ser mãe

solteira. E fez da Previdência onde trabalha desde 1984 seu segundo lar. "Meu primeiro filho, hoje com 20 anos, nasceu em 1989. Estávamos em plena greve. Desde aquela época lutávamos por melhores condições de trabalho e pela manutenção da jornada de 30 horas semanais, direito conquistado em 1983 e retirado agora pelo governo", conta.

Ela avalia que o governo Lula está usando a Previdência Pública como propaganda eleitoral para 2010. "As propagandas na TV, de que é possível realizar uma aposentadoria em 30 minutos, não condizem com as reais condições de trabalho dos servidores nas agências. Convivemos com equipamentos ultrapassados, sistemas lentos, faltam funcionários. E, como se não bastasse, agora tem a pressão para realizar uma aposentadoria em 30 minutos", contesta.

Os trabalhadores do INSS enfrentam pressão, assédio moral, péssimas condições de trabalho, estão adoecendo devido à sobrecarga de trabalho, o quadro de funcionários é reduzido, falta segurança nas agências, o desvio de

função também é comum e os casos de depressão e doenças do trabalho seguem aumentando. "Esta é a verdadeira face da Previdência Social que o governo não mostra na TV. O governo fala em abrir 720 novas agências da Previdência no País, mas não fala na contratação de novos servidores", diz Estela. Para ela, "o que chama atenção é o fato de que os que hoje ocupam cargos de chefias no INSS e cargos no governo antes eram contra esta política que prioriza a produtividade em detrimento à qualidade de atendimento à população e à saúde dos trabalhadores". A servidora que diz nunca ter visto um governo tão ofensivo nas negociações com os servidores.

Houve três greves da categoria no governo Lula, em 2003, 2005 e a outra agora em 2009. Na greve de 2003, os servidores da Previdência participaram de um ato Unificado em Itajaí, no litoral norte do Estado. Os manifestantes foram duramente reprimidos e alguns presos. Em 2009, os trabalhadores da Previdência Social em todo o País sofreram mais dois grandes golpes contra seus direitos. Além do



governo editar a resolução 65, que decretou a jornada de trabalho de 40 horas semanais, sendo que desde 1983 os servidores trabalhavam 30 horas, o governo também implantou, sem discussão com a categoria e sem levar em conta as condições de trabalho, uma avaliação de desempenho individual atrelada aos salários dos servidores. Se os trabalhadores não atingirem uma pontuação máxima não receberão a gratificação. Além disso, hoje o salário de um servidor da Previdência Social é composto quase que na sua totalidade (80%) de gratificações – sendo que as gratificações não são levadas para a aposentadoria.



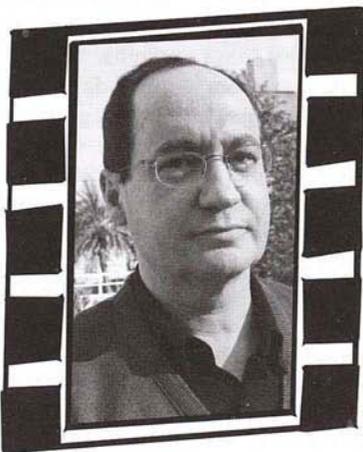
# O lado do Judiciário

O descumprimento do acordo da greve em 2005, quando o governo prometeu discutir a carreira dos servidores e as condições de trabalho, antes de implantar a gratificação por desempenho, exigindo metas abusivas, dividindo e incentivando a concorrência entre os trabalhadores, levou à greve de 2009. "Não foi uma greve por questões salariais. E sim para mantermos um direito que conquistamos há mais de 20 anos, que é a jornada de 6 horas", diz o servidor Mozart Diniz Filho, há 31 anos na Previdência Social. "Defendemos a abertura das agências da Previdência por 12 horas, com dois turnos de 6 horas e, para isso, a contratação de mais trabalhadores e não o aumento da carga horária dos servidores, que já trabalham no limite de suas forças".

Ele observa que, no mundo todo, a luta é pela diminuição da carga horária, sem redução salarial e com abertura de novos postos de trabalho. "Nós defendemos a jornada de trabalho de 6 horas para

termos mais qualidade de vida, podermos nos qualificar, ficar mais tempo com a família. Defendemos também a redução da carga horária para os trabalhadores da iniciativa privada, sempre estivemos juntos nesta luta por entender que as pessoas precisam ter tempo para fazer outras coisas além do trabalho como lazer, educação e cuidar da saúde. É importante que os trabalhadores da iniciativa privada entendam isso também. Nossa luta é para todos".

Mozart destaca que hoje os servidores lutam contra um governo que ajudaram a construir. "Um governo que foi forjado nas lutas e greves dos trabalhadores, mas que nos traiu e agora está do outro lado. Pessoas que estão hoje



em cargos de chefias, ontem estavam na linha de frente da luta conosco pela jornada de trabalho de 6 horas".

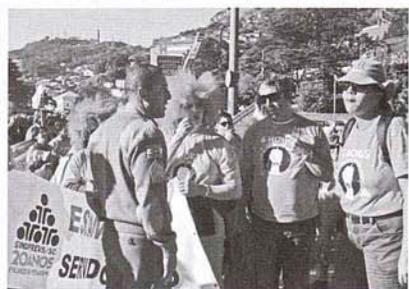
A luta dos trabalhadores da Previdência em 2009 t a m b é m

desvendou a face perversa do Poder Judiciário. Mozart conta que, nas vésperas dos trabalhadores iniciarem a greve, deflagrada em 16 de junho, o Judiciário concedeu liminar ao Ministério da Previdência exigindo a suspensão da paralisação, que ainda nem havia começado, e impondo multa diária de 100 mil à federação nacional que representa os previdenciários, a Fenasps. A liminar desfavorável aos trabalhadores saiu em um dia, enquanto processos esperam anos na justiça. "É visível que a balança do Poder Judiciário

pende para um lado, o dos patrões", avalia ele.

"Em Santa Catarina a Justiça foi ainda mais longe. Houve cidades em que, por via de um instrumento jurídico chamado interdito proibitório, que existe no código civil desde o século passado e é usado por fazendeiros quando se sentem "ameaçados" de perderem as suas terras, diretores do Sindicato e servidores em greve foram proibidos de se aproximar das agências.

Os servidores do INSS em Santa Catarina e em todo País, mesmo com as multas, pressão das chefias, o corte de salários e o código 28 na ficha funcional pela primeira vez na história, que é de falta injustificada ao trabalho, permanecerem unidos e coesos na greve por 31 dias, retornando ao trabalho com mais promessas do governo em abrir um grupo de trabalho em Brasília com a participação dos servidores para discutir carreira, condições de trabalho, carga horária entre outras reivindicações. Até agora o governo não cumpriu a promessa.



# O desmonte da Previdência continua

Na opinião do servidor, a Previdência vem sendo desmantelada e se desvirtuando de seu papel. Apesar de ainda ser uma forma de distribuição de renda no País e evitar um colapso em muitas famílias, pois a aposentadoria acaba representando o sustento de muitas casas, muita coisa mudou. "Na agência do Continente, em Florianópolis, por exemplo, funcionava o setor de reabilitação. A pessoa após sofrer um acidente de trabalho ou de ficar afastado por doença quando era liberada pelo médico estava realmente apta para voltar e o programa ajudava nesta reabilitação. O governo fechou o setor deixando a população

mais desamparada", recorda Mozart.

Na greve deste ano, bem como em outros movimentos da categoria, os servidores do INSS denunciaram o desmonte da Previdência Pública no País, que vem desde governos anteriores e foi acirrada no governo atual, com a reforma da Previdência em 2003. Aquele ano, também representou o enfraquecimento da luta unificada dos servidores públicos. Em 2003 foi realizada a última greve nacional e unificada dos servidores. O governo, que tem hoje em seus quadros lideranças sindicais, soube como desmantelar a luta unificada, negociando com cada categoria em separado. Muitas categorias não fazem mais greve porque suas lideranças foram cooptadas pelo poder. Mas outras, a exemplo dos servidores da Previdência, ainda resistem.

Gláucia Bahia de Brito, servidora do INSS e uma liderança na categoria, diz que o Supremo Tribunal Federal aprovou a chamada unicidade dos débitos, que significa que os débitos de

uma empresa de mais de 10 anos serão, digamos assim, perdoados, não mais cobrados. O que representará mais uma queda na arrecadação. "Em 2007 com a criação da Receita Federal do Brasil, que nós, servidores, combatemos, mas, infelizmente não tivemos forças para barrar o governo, tirou do INSS a parte da arrecadação, a parte "rica" da Previdência, deixando somente a dos benefícios", recorda. Outra ameaça ao sistema previdenciário brasileiro é a chamada Desvinculação das Receitas da União, o que permite ao governo o uso de 20% das verbas que seriam destinadas à Previdência para qualquer outro setor. Sem contar que o governo ainda deve aprovar a desoneração da folha. O valor pago ao INSS pelas empresas não será mais sobre o salário e sim sobre os lucros das empresas, deixando margem para que estas mascarem os valores e contribuam menos, baixando o valor dos benefícios dos seus trabalhadores. "São muitas as artimanhas deste governo para desmantelar cada vez

mais a Previdência Pública", alerta.

Gláucia também critica as propagandas que difundem a aposentadoria em 30 minutos. "Por causa disso outro dia fui agredida no trabalho. As agressões nas agências têm aumentado e não temos segurança suficiente. Já é difícil ser mulher, negra, trabalhadora, e ainda o governo promete aos segurados algo que é impossível de se cumprir com as condições de trabalho que temos. Se os sistemas já eram ruins agora estão cada vez mais lentos e caem a todo instante. Outro dia, durante um atendimento, o sistema caiu quatro vezes. O governo diz que investiu milhões na Dataprev, que é responsável pelos computadores e sistemas do INSS, mas não houve melhoras", desabafa. Gláucia lembra que no final do ano que vem 10 mil trabalhadores irão se aposentar em todo o País. O quadro de funcionários que já é insuficiente ficará ainda mais deficitário.

O agendamento pelo telefone 135 da Previdência Social é outra enganação e dá à sociedade a falsa impressão



*Prisões do Coordenador do Sindicato, Valmir Braz de Souza em Florianópolis (2005) e Brasília (2007).*

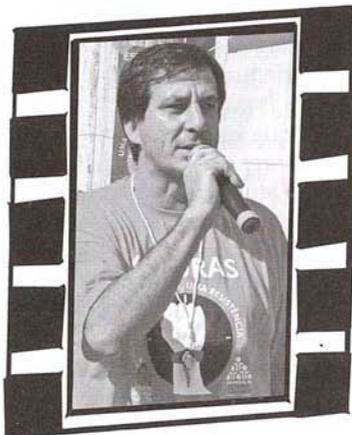


que não existem mais filas no INSS e que tudo funciona perfeitamente bem e normal. Mas as filas agora são virtuais. Os segurados esperam em casa para serem atendidos. "Precisamos que a sociedade nos ajude a cobrar do governo mais respeito ao segurado. Respeito de verdade e não a enganção que ele está pregando".

Segundo Glauca, os servidores que atendem no 135 são todos terceirizados e não têm conhecimento da legislação, o que resulta em informações erradas aos segurados, que chegam nas agências mal-orientados e sem todos os documentos necessários. "Isso também atrasa o atendimento. Outro ponto são as mudanças na legislação, precisamos sempre estar consultando o que mudou e isso leva tempo. Sem contar quando a vida funcional da pessoa está uma bagunça e os dados no CNIS (Cadastro Nacional de Informações Sociais), sistema que usamos para consulta e concessão das aposentadorias, não estão corretos. Mas nada disso o governo divulga na TV, passando a impressão que se não concedermos uma aposentadoria em 30 minutos é porque somos incompetentes".

# A criminalização dos movimentos sociais

A luta dos servidores da Previdência sempre foi exemplo para outros trabalhadores. No entanto, é no governo Lula que os servidores estão se sentindo mais criminalizados do que nunca. "Foi no governo Lula que fui preso duas vezes, na greve de 2005 aqui em Santa Catarina num ato em frente a agência do INSS do Continente, quando quatro diretores do sindicato foram presos, e outra em 2007 em Brasília quando pacificamente tentávamos entrar para entregar um documento com nossas reivindicações aos parlamentares. Nas duas prisões fui algemado e tratado como um criminoso. Tive que responder a processos, que foram arquivados, comprovando minha inocência e dos demais diretores. Na greve deste ano, eu e outros diretores do sindicato fomos impedidos, através de um interdito proibitório,

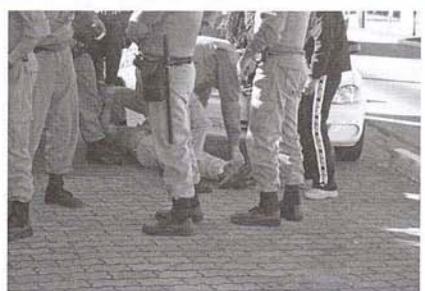


de chegar perto das agências do INSS da região de Criciúma", conta Valmir Braz de Souza, coordenador geral do Sindprevs/SC, sindicato que representa os servidores da Previdência e da Saúde no Estado.

Valmir observa que não só os servidores da Previdência, mas outros movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e os estudantes do Movimento Passe Livre também estão sofrendo com

a transformação da sua luta em crime. "É difícil você dedicar sua vida a uma causa, defender os trabalhadores e ser tratado como um criminoso."

Para o sindicalista, a denúncia contra o desmonte da Previdência Pública – que não pode ser tratada como uma forma de lucro e de investimentos privados – deve continuar, e precisa do apoio da população. Afinal, o movimento sindical não pode ficar isolado, e defender a Previdência Pública é um dever de todos. "A luta por uma Previdência Pública passa pela transformação da sociedade em que vivemos para uma sociedade socialista e mais justa. Somos trabalhadores como todos os outros. Lutamos por melhores condições de trabalho, mas não podemos lutar isolados. Nossa luta não acaba aqui. Vamos continuar resistindo", finaliza Valmir.



# Mãos de médico para o bem da reforma agrária

Por **Miriam Santini de Abreu,**  
de Florianópolis

O chapecoense Augusto Cezar Dalchivon é filho de assentados que hoje vivem em Campos Novos, no Meio-Oeste catarinense. Cresceu ouvindo falar da luta pela reforma agrária e do desafio que é se manter no campo em um país no qual as políticas públicas priorizam a grande propriedade. Conquistar a terra é a primeira etapa. Há outras e uma delas, a saúde, logo apareceu como prioridade no assentamento. É por isso que Augusto está há três anos e meio em Cuba, onde estuda medicina graças a um projeto de cooperação internacional da Escola Latinoamericana de Medicina (ELAM).

O governo cubano fundou a instituição em 1999, um ano depois de a passagem dos furacões George e Mitch afetar a economia e a situação de saúde dos países da América Central e Caribe. Hoje o programa atende 24 países, 19 latinoamericanos, 4 africanos e também os Estados Unidos. Para

Augusto, a oportunidade foi aberta pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Ele conta que, nos dois primeiros anos, os estudantes ficam na ELAM, que tem sede na capital, Havana, frequentando também as policlínicas, que são a porta de entrada da saúde em Cuba. Depois, atuam em uma das 14 faculdades do país, tendo contato com a rede de hospitais e as diferentes especialidades médicas. O sexto ano, quando se completa a formação, é de internato.

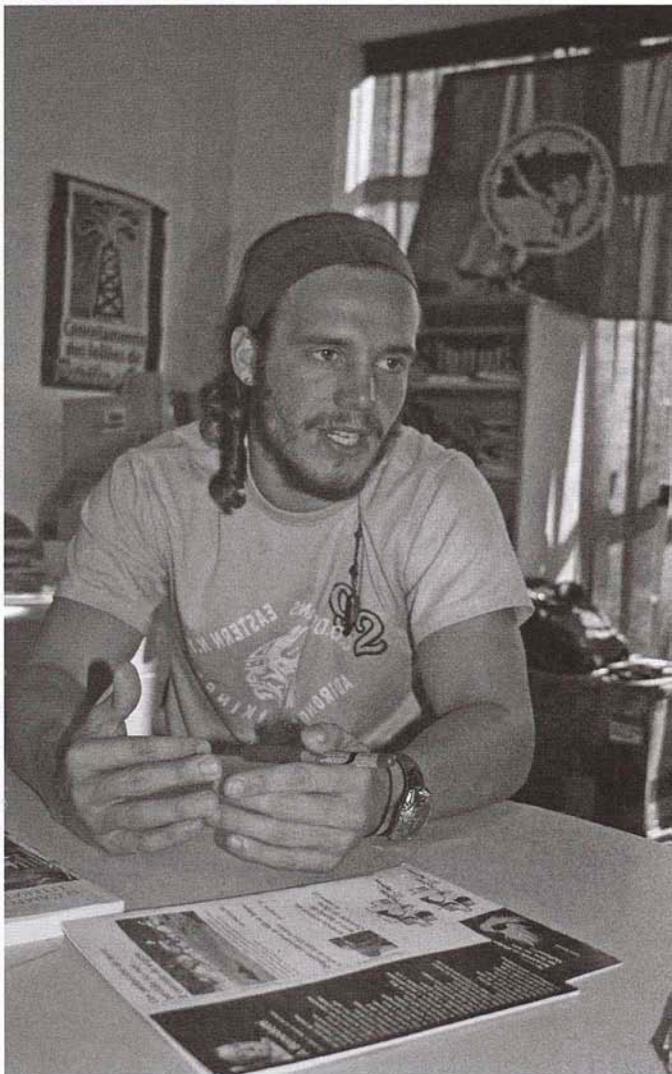
Na avaliação de Augusto, duas características da medicina em Cuba são o cuidado com a prevenção e o compromisso permanente do médico com o paciente. É o olhar de quem vê a saúde de forma integral, diferente do sistema de aprendizado que transforma a saúde em mercadoria. "A saúde não é algo somente físico, mas sim um conjunto físico, mental e social. Não há como, por exemplo, discu-

tir a saúde no campo sem falar da reforma agrária, sem respeitar o meio ambiente, sem pensar no efeito do uso de agrotóxicos", afirma o jovem.

Cuba é reconhecida pelas estatísticas na área de saúde. A taxa de mortalidade infantil é de 5,3 por mil nascidos vivos; no Brasil, é de 21,17 por mil nascidos vivos. A esperança de vida ao nascer é de 77,79 anos; no Brasil, de 72,04.

Para Augusto, que esteve em Florianópolis nas férias, a volta definitiva após o final do curso, em 2012, está impregnada de um sentimento de confiança: "Se vê como natural uma criança ter fome, um velho morrer na fila de um hospital. Eu não posso ver essa realidade e ficar parado. Estou confiante de que isso pode mudar, mas a mudança será fruto do nosso próprio esforço". Enquanto isso, lá em Campos Novos, Francisco, o Chicão, pai de Augusto, estuda agroecologia. É preciso conhecer bem o porquê das coisas.

Foto: **Luis Prates**



***"Trabalhar no sentido interno de aperfeiçoamento, de aumento dos conhecimentos, de aumento da compreensão do mundo que nos rodeia. Perguntar e averiguar e conhecer bem o porquê das coisas e tratar sempre os grandes problemas da humanidade como problemas próprios".***

Trecho extraído de Ernesto "Che" Guevara: obras completas (Buenos Aires: Andrômeda, 2002)

# Tinha uma árvore no meio do caminho



Por Raquel Moysés,  
de Florianópolis

Cortaram uma árvore no caminho da escola do meu filho. Ao deixá-lo para as aulas, bem cedinho, quando virei a esquina tive uma sensação de aturdimento. Como quando a gente entra na casa de uma pessoa e ela não está mais... Viajou a sua viagem definitiva e não é mais parte do ambiente em que sua presença ficou entranhada em objetos e imagens que retratam uma vida que foi.

Uma vida que foi. Uma árvore verdejante e acolhedora em ramos de sombras acariciadoras. Eu amava aquela árvore. Toda vez que precisava desviar de seus galhos que abraçavam a rua estreita, era invadida por uma ternura indizível, uma doçura que abrandava silenciosamente o peito. Consoladora em sua aparente imobilidade, ela aplacava, de algum modo, as mágoas mais à tona. As dores menos segredadas nas lonjuras do ser. Porque as dores agarradas bem lá no fundo mesmo, nunca chegam a tocar a superfície, à vista de olhares.

Eu amava aquela árvore, e tê-la encontrado bem de manhã, reduzida a um tronco escurecido, foi como haver topado com uma vida humana fenecida em meio à estrada. O corpo mutilado pela voragem do descuido e do abandono.

Aquela era uma árvore passarineira, generoso abrigo de uma infinidade de vida animal e vegetal. Estava

ali, serenamente exposta ao sol, ao vento, às intempéries. Emudecida, abria seus verdes braços aos caminhantes necessitados de um breve abrigo antes de prosseguir seus passos.

À vista dos olhos, plantada e enraizada no espaço público da rua, a árvore passarineira não parecia oferecer perigo algum para a casa que emoldurava da calçada. Eventualmente servia de estacionamento abrigado do sol em uma rua pouco trafegada de um bairro residencial. O que, penso, não deveria trazer qualquer transtorno para os moradores recolhidos em sua intimidade.

Possuída agora por esta súbita ausência, fico a imaginar o que terá levado o vizinho humano a sentenciar a morte dessa verdevida em pleno viço. Duvido sobre o motivo de ter sido autorizado (supondo que o tenha sido), corte tão drástico. Ali bastaria terem sido podados os galhos mais frondosos, que avançavam um pouco sobre a calçada e a rua.

Mas, definitivamente, esta é uma cidade que pouco respeita a vida. Negociada por suas autoridades até nas Arábias, Dubai e sabe-se lá onde mais, Desterro (tristemente batizada Florianópolis em homenagem a um tirano presidente, de nome Floriano), tem oferecido costões, mangues, praias, vegetação litorânea, águas, bosques e tudo que é natu-

reza linda para a sanha de "empreendedores". Homens de negócios que mutilam a paisagem e avançam sobre os espaços humanos como sanguessugas.

Em troca, esses predadores cumprem, quando muito, as tais "medidas mitigadoras", ditadas pela lei, para compensar a terra arrasada que vão deixando pelos caminhos. Os chefes do poder, os de sempre, anunciam a chegada de mais e maiores redes hoteleiras. E as obras da "ordem e progresso" avançam seus tentáculos sobre a ilha que se esvai a olhos vistos. Seu quase único e precioso patrimônio, o natural, está comprometido.

Os esgotos espalham sua podridão sobre as praias. Basta cavar poucos centímetros para encontrar, sob o manto luminoso e claro das areias, uma espessa e escura camada da sujeira deixada pelos fétidos derrames de imundícies.

Na praia de Ingleses, o Capivari descarrega águas contaminadas nas entranhas do mar. O riozinho antes desaguava no oceano suas águas escuras pela decomposição da vegetação que o margeia, mas isso não

causava dano algum à praia e à saúde coletiva. Era tudo natural, sem fedor nem sujeira de esgoto. Agora, com o "progresso", o ribeirão de-ságua na praia uma corrente de águas podres.

Uma comunidade de argentinos e brasileiros que há anos frequenta a praia fez a denúncia. Até escreveu um documento para ser entregue às "autoridades", contando como houve gente que adoeceu pelo contato com as águas contaminadas. Chamou a imprensa para mostrar os esgotos, mas ninguém apareceu para narrar os fatos. A reação é bem outra quando surgem denúncias de que comunidades empobrecidas estão ocupando e poluindo as dunas.

Nenhum escândalo, porém, provoca o avançar de um grandioso hotel sobre o costão do Santinho. Muito menos incomoda ao comando da cidade o imenso campo de golfe exatamente sobre o aquífero que aprofunda suas veias de águas abençoadas sob as terras do norte da ilha. A operação moeda verde segue seu curso sob uma aparência de irrestrita e progressista legalidade.

Vivo há 17 anos nesta

Florianópolis vendida como ilha de sonhos e magia, e é impossível não sofrer ao ver como ela está sendo negociada dia a dia por mercenários que parecem desconhecer estar matando a mítica galinha dos ovos de ouro. Nessas quase duas décadas a cidade mudou suas feições de modo drástico, atravessada por agressões criminosas à natureza, agravamento da pobreza e da violência, enriquecimento duvidoso de uns poucos e transtornos insuportáveis no trânsito.

A cidade é oferecida para um turismo de castas e, para aqueles que frequentam a nata dos lugares charmosos, poderia até passar mascarada esta tragédia cotidiana que se consoma com a cumplicidade dos poderes constituídos. No entanto, as mesmas podridões avançam sobre as praias oferecidas aos ricos e famosos, em uma cidade que enterra suas riquezas em vez de construir sob o solo o saneamento que salvaria seu patrimônio de belezas e encantos. Mas, é claro, obras subterrâneas não interessam a vorazes políticos em busca de votos fáceis.

Minha generosa árvore passarineira também jaz

sob as ruínas dessa cidade que se desfaz como um quebra-cabeça desgovernado. Desmantelada por bocas devoradoras de tratores e desfigurada pelos guindastes dos que constroem vazios de concreto nas vastidões antes dominadas pela vida.

Ao enxergar tudo isso, vem lá do fundo uma dor parecida com a do poeta Drummond, quando, na sua confidência de itabirano, canta sua "terra natia" só vivente no espaço da memória.

"Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!"

"Porque amar o perdido", como diz esse nosso encantado poeta maior, "deixa confundido este coração".

Mas este meu coração confuso se encharcou de esperança quando, no tronco enegrecido, no lugar do corte, vicejaram pequeninos tufos de folhas tenras. Dias depois, mãos podadoras tosam os verdes rebentos... Agora, todo dia observo a luta da vida pela vida. Tantas vezes cortados, os brotos de novo ressuscitam em maciez. A vida é mais forte que tudo... Resiste... Até quando?

Revista Virtual

# DESACATO

América Latina – Soberania e Paz

WWW.DESACATO.INFO  
DESACATO.BRASIL@GMAIL.COM



# Para entender o golpe

De repente, um pequeno país da América Central, cuja capital poucos conseguem pronunciar o nome, Tegucigalpa, virou notícia mundial. Uma velha e conhecida história ali se repetia, quando mais ninguém acreditava que isso pudesse ser possível. Um golpe de estado contra um presidente que não é nenhum revolucionário de esquerda, pelo contrário, é um bem comportado político do partido liberal. O motivo do golpe é aparentemente pueril: a decisão do presidente de fazer uma consulta popular sobre a possibilidade de uma Constituinte. Em Honduras, ouvir o povo é considerado um ato de lesa pátria. Nada poderia ser mais anacrônico nestes tempos de participação protagônica das gentes.

## A história

Honduras é um pequeno país da América Central cuja história é muito peculiar. Primeiro, porque foi o berço de uma das mais incríveis civilizações desta parte do mundo: os maias. E segundo, porque durante as guerras de independência que tomaram conta da América espanhola, foi ali que se criou a República Federal das Províncias Unidas da América Central, um ensaio da pátria grande, tão sonhada por Simón Bolívar. Os maias foram dizimados e a proposta de federação não resistiu aos sonhos de grandeza de alguns e, em 1838, a região da América Central também balcanizou. Honduras virou um estado independente e acabou entrando no diapasão das demais repúblicas da região: dominada por caudilhos e fiel serviçal das grandes potências da época, tais como a Inglaterra, a Alemanha e a nascente nação dos Estados Unidos.

## As ligações perigosas

Como era comum naqueles dias, a elite governante se digladiava entre liberais e conservadores. Com o fim da ideia de federação e a morte do liberal Francisco Morazán, considerado o mártir de Tegucigalpa, que morreu em 1842 ainda lutando pela unificação da América Central, os conservadores assumiram o comando e o país virou prisioneiro da dívida externa, conforme conta o historiador James Cockcroft, no livro "América Latina e Estados Unidos". Os liberais só voltaram ao poder no final do século XIX, mas já totalmente catequizados para viverem de maneira dependente dos países centrais. No início dos século XX chegaram as bananeiras estadunidenses e com elas o processo de superexploração. A United Fruit Company, a Standart Fruit e a Zemurray's Cuyamel Fruit passaram a comandar os destinos das gentes. E quando estas tentaram se rebelar, foi a marinha estadunidense quem desembarcou no país para aplastar as mobilizações. Honduras virou, desde então, um país ocupado. Os camponeses trabalhavam nas piores condições e as bananeiras ditavam as leis, financiando os dois partidos políticos locais.

Nos anos 30, quando uma grande depressão agitou o país, o governante de plantão, General Carías, submeteu o país, com a ajuda armada estadunidense, a 16 anos de lei marcial. E, como é comum, quando ficou obsoleto, foi retirado do poder por um golpe.

Em 1950, depois da segunda guerra, as bananeiras exigiram mudanças e o Banco Mundial foi chamado para promover a "modernização" de Honduras. Gigantescas greves de trabalhadores – como a dos plantadores de banana que parou o país por 69 dias – e de

estudantes foram aplastadas em nome do desenvolvimento. E tudo o que eles queriam era o direito de ter um sindicato. Havia eleições, mas, na verdade, com uma elite claudicante eram os militares quem davam as cartas e foram eles, apavorados com os avanços dos trabalhadores, que assinaram um acordo com os Estados Unidos para que este país pudesse ter bases militares no território hondurenho.

O medo de mais revoltas populares fez com que o governo realizasse uma espécie de reforma agrária nos anos 60 e 70 que acabou freando as mobilizações no campo, embora o benefício não tenha chegado a um décimo dos camponeses. Ao longo dos anos 70 os escândalos envolvendo generais no governo e as bananeiras se sucederam, causando mais mobilização nas cidades e nos campos, onde os trabalhadores já se organizavam de modo mais sistemático. Mas os anos 80 trarão uma nova ocupação estadunidense que acabou subordinando a vida das gentes outra vez.

## Os sandinistas e os EUA

Os anos 80 são tempos de guerra fria. Os Estados Unidos insistem na luta contra Cuba e também contra a Nicarágua, que busca sua autonomia através da revolução sandinista. E, assim, com o mesmo velho discurso de combater o comunismo, Jimmy Carter manda para Honduras os seus "boinas verdes", para ajudar na defesa das fronteiras, uma vez que o país faz limite com a Nicarágua. Além disso, os EUA abocanham mais de três milhões de dólares pela venda de armas e alugel de helicópteros. Na verdade, lucram e ainda usam o exército hondurenho para realizar numerosas matanças de refugiados salvadorenhos

# em Honduras

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

e nicaraguenses. É ali, em Honduras, que, com o apoio da CIA, se leva a cabo o treinamento dos contras que, por anos, assolaram a revolução sandinista e o próprio governo revolucionário. Era o tempo em que um batalhão especial, liderado por um general hondurenho anti-comunista, promoveu massacres contra lideranças da esquerda de toda a região. E assim, durante toda a década, apesar dos escândalos políticos e mudanças de mando, a "ajuda" estadunidense aos generais de plantão sempre se manteve impávida com milhões de dólares sendo investidos nos acampamentos dos contras, que somavam mais de 15 mil soldados.

Nos anos 90, a situação em Honduras era tão crítica que até a conservadora igreja católica passou a apoiar os militantes dos direitos humanos que denunciavam estar o país à beira de uma guerra. A derrota dos sandinistas na Nicarágua refreou os ânimos, mas ainda assim seguiram as denúncias de assassinatos e violações. No final da década, os governos neoliberais já haviam destruído as cooperativas de trabalhadores e devolvido terras às companhias estadunidenses. Nada mudava no país.

## Zelaya

Manuel Zelaya foi eleito presidente em 2005, pelo Partido Liberal, mas esteve em cargos importantes durante os últimos governos. Era, portanto, um homem do sistema. Seus problemas com os Estados Unidos começaram em 2006, quando decidiu reduzir o custo do petróleo, passando a discutir com Hugo Chávez, da Venezuela, a possibilidade de negócios conjuntos, o que acabou culminando, em janeiro de 2008, com a entrada de Honduras na órbita da

Petrocaribe, um acordo de cooperação energética que busca resolver as assimetrias no acesso aos recursos energéticos. Este acordo incluiu Honduras na lógica da ALBA, a Alternativa Bolivariana para as Américas, projeto de Chávez em contraposição à ALCA, que tentava se impor a partir dos Estados Unidos. A proposta de Chávez foi a de vender o petróleo a Honduras, com pagamento de apenas 50%, sendo a outra metade paga em 25 anos, com um juro pífio, permitindo assim que Honduras investisse em áreas sociais. O plano, apesar de bom para o país, foi duramente criticado pela classe política. E os Estados Unidos perderam um parceiro de TLC (os malfadados acordos de livre comércio), o que provocou tremendo mal estar em Washington.

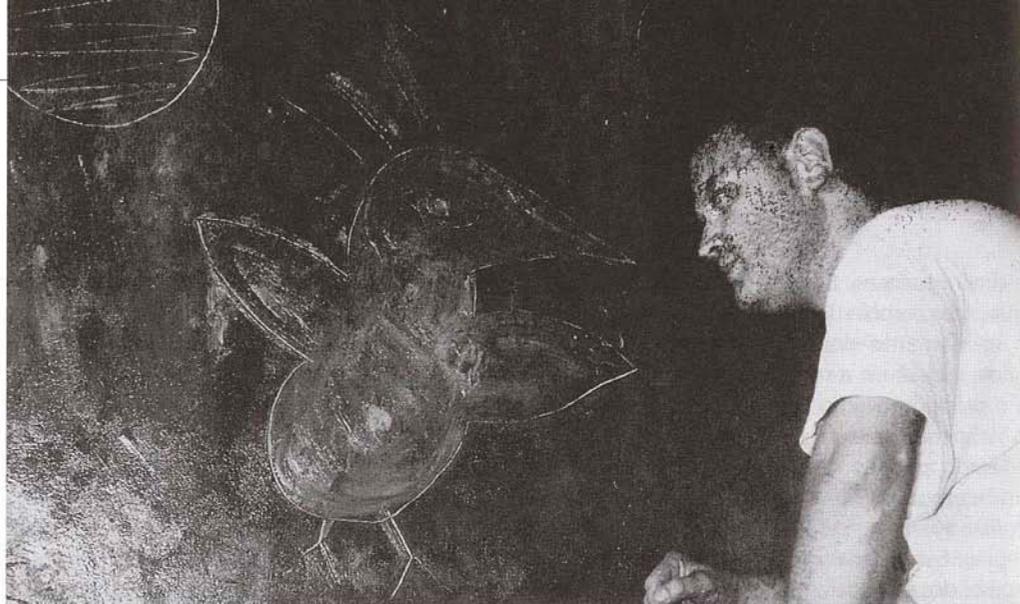
Assim, quando o presidente Zelaya decidiu fazer um plebiscito, consultando a população sobre a possibilidade de uma Assembleia Nacional Constituinte, e não apenas de uma mudança para um novo mandato como insistem alguns veículos de informação, o mundo veio abaixo. Entre os direitistas de plantão e amigos da política estadunidense, isso era influência de Chávez. O próprio partido Liberal reagiu contra a medida, considerada "progressista" demais. Afinal, uma nova Constituinte colocaria o país num rumo bastante diferente do que vinha sendo trilhado nas últimas décadas. Mesmo assim o presidente levou adiante a proposta de ouvir a população e acabou exonerando o chefe do Estado Maior, general Romeo Vásquez Velásquez, quando este se recusou a distribuir as cédulas para a votação. A Corte Suprema votou contra a consulta popular e exigiu que o presidente reconduzisse o general ao seu posto, o que foi negado. Por conta disso, no dia da votação, os militares prenderam Zelaya,

o sequestraram e o levaram para Costa Rica, coincidentemente seguindo os mesmos trâmites do golpe perpetrado contra Chávez em 2001. O Congresso hondurenho chegou a discutir até a sanidade mental do presidente e, no dia do golpe, se prestou a ler uma fictícia carta de renúncia, imediatamente desmentida pelo próprio presidente desterrado. Ainda assim, o Congresso decidiu instituir o presidente da casa, Roberto Micheletti, como presidente da nação. Este nega que esteja assumindo num momento de golpe. "Foi perfeitamente legal a ação do Congresso", dizia, e, enquanto isso, mandava suspender os sinais de televisão e os telefones.

## Reação Popular

Agora estão jogados os dados. O presidente Zelaya insiste em voltar e terminar seu mandato constitucional. O povo está nas ruas. Os golpistas agem com violência, matam, prendem e desaparecem pessoas. O mundo inteiro repudia o golpe e nenhum país reconhece o governo golpista. A população deflagrou greve geral no país e milhares caminham até a fronteira com a Nicarágua onde está Zelaya. Os Estados Unidos, eternos artífices destes golpes sujos, falam em volta da normalidade com novas eleições. Na prática, respaldam os golpistas. A situação segue tensa no país. Milhares de trabalhadores estão ameaçados. A sorte está lançada em Honduras. Se o povo hondurenho for derrotado, isso significa também uma derrota para toda América Latina e pode significar uma guinada para a direita aqui no nosso continente. Apoiar Honduras agora é estar no caminho seguro da soberania e da liberdade. Toda força aos irmãos hondurenhos. Resistência e luta!

O poeta e jornalista Fernando José Karl, colaborador da revista Pobres & Nojentas, ficou com o segundo lugar no Prêmio Cruz e Sousa de Literatura – Edição 2008-2009 – na Categoria Catarinense, com “O Livro Perdido de Baroque Marina”. A entrega dos prêmios será em outubro.



Fernando José Karl fotografado por Heloisa Espada

# O benzedor de pedras

Por **Miriam Santini de Abreu, de Florianópolis**

Houve uma tarde em que o calor era como benzedura do Reino de Baixo. Estava eu, como sói acontecer aos açoitados por miragens, coberta com linho, nos pés sandálias ornadas

com lápis-lazúli extraído das minas de Badakshan. Karl vinha ao meu lado. E por olhá-lo com olhos de Ishtar, alcei os braços e ordenei aos elementos: - Agora chove. E então a canícula se rendeu

a mim. Os primeiros pingos grossos nos flagramam à beira dos jardins no Mar da Babitonga.

Karl é assim: benze pedras e elas se apaixonam por peixes.

# Umás e outras

Por **Celso Vicenzi, de Florianópolis**



*Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos*

*Jornalistas/*

*SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.*

CUIDADO! Em algumas religiões os fiéis são comparados a ovelhas. Quando não arrancam o couro, saem, no mínimo, tosquiadas.

É FÁCIL. Dízimo a quem pagas e dir-te-ei quem lucra com a tua fé.

CRER OU NÃO. Tudo é crença, mesmo para quem não crê.

EM RESUMO. Quem foi para o olho da rua é porque perdeu o emprego de vista.

DEU NA IMPRENSA. “Brasil esquentou quase 1°C em

50 anos”. À exceção, talvez, de Brasília, onde a coisa tá sempre fervendo.

VEJA BEM. A rigor, nunca se está nu, porque o corpo humano é formado por vários tecidos.

PENSE BEM. O sujeito paga o automóvel, os acessórios, a gasolina, o IPVA, a multa, o estacionamento, o flanelinha, o pedágio, e tudo isso pra quê? Pra ficar engarrafado no trânsito!

ATENÇÃO! Se cair na prova, uma questão sobre energia

eólica não vale soprar!

LIBERDADE. Para os ecologistas, mais vale dois pássaros voando do que um na mão.

MUDOU MUITO. Estou ficando velho. No meu tempo, colégio tinha banda. Hoje tem banda larga.

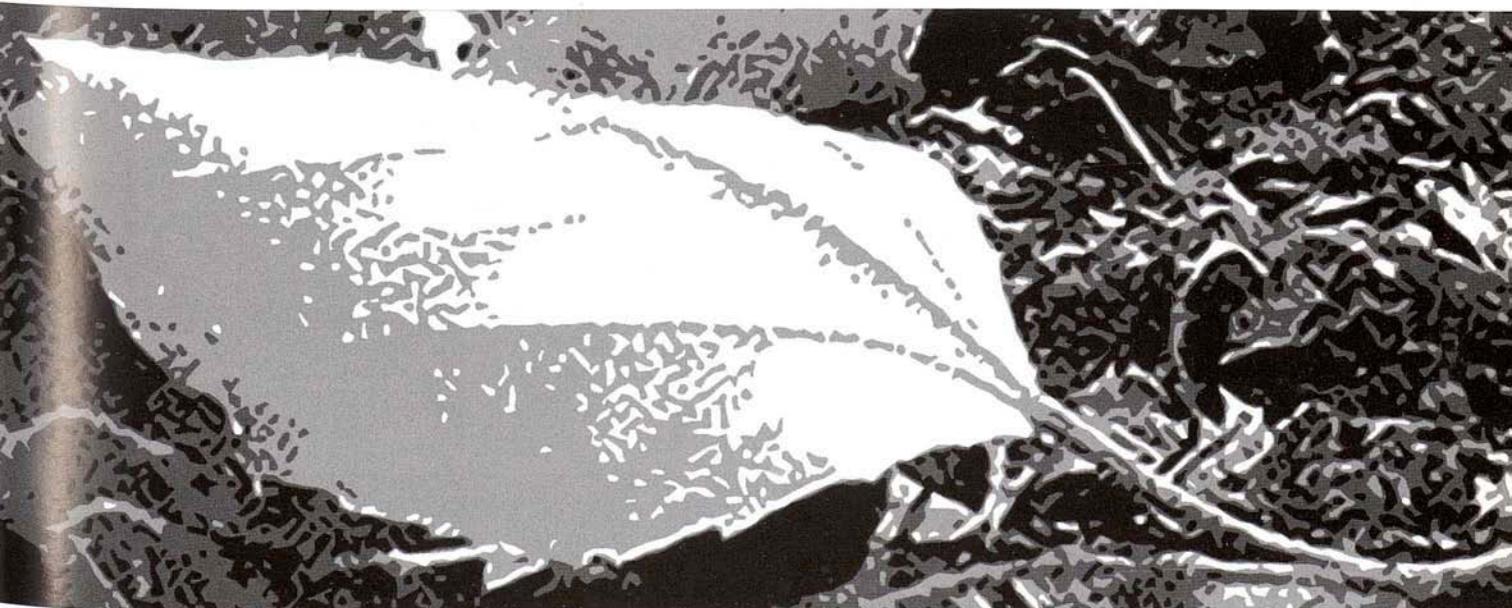
NAS ÁGUAS DA LITERATURA. No passado, havia escritores que eram fontes de inspiração, poços de cultura. Hoje em dia, são no máximo um lagunho de best sellers e um tanquinho de autoajuda.

# Desligamento imprevisível

Por Rosângela Bion de Assis,  
de Florianópolis



Fui retirada da engrenagem.  
Recolheram minhas asas.  
Só porque eu ando com a cabeça leve,  
o corpo pesado  
e essa contradição provoca desligamentos temporários.  
Fui avisada que isso não mata,  
mas requer cuidado,  
e algum tempo para reorganizar os pensamentos.  
Perdi o direito de planejar o dia seguinte.  
Só porque meu corpo insiste em desabar.  
Cai feito uma folha  
e assusta as pessoas, provoca ajuntamentos.  
O chão anda me atraindo de forma quase magnética,  
e passaram a me oferecer muita água,  
meias elásticas  
e café na cama.  
Ando com a alma uns dois dedos fora do corpo,  
e uns comprimidos pequenos  
tentam consertar o desajuste.  
Eu que acreditava precisar só de amor e dias de sol.



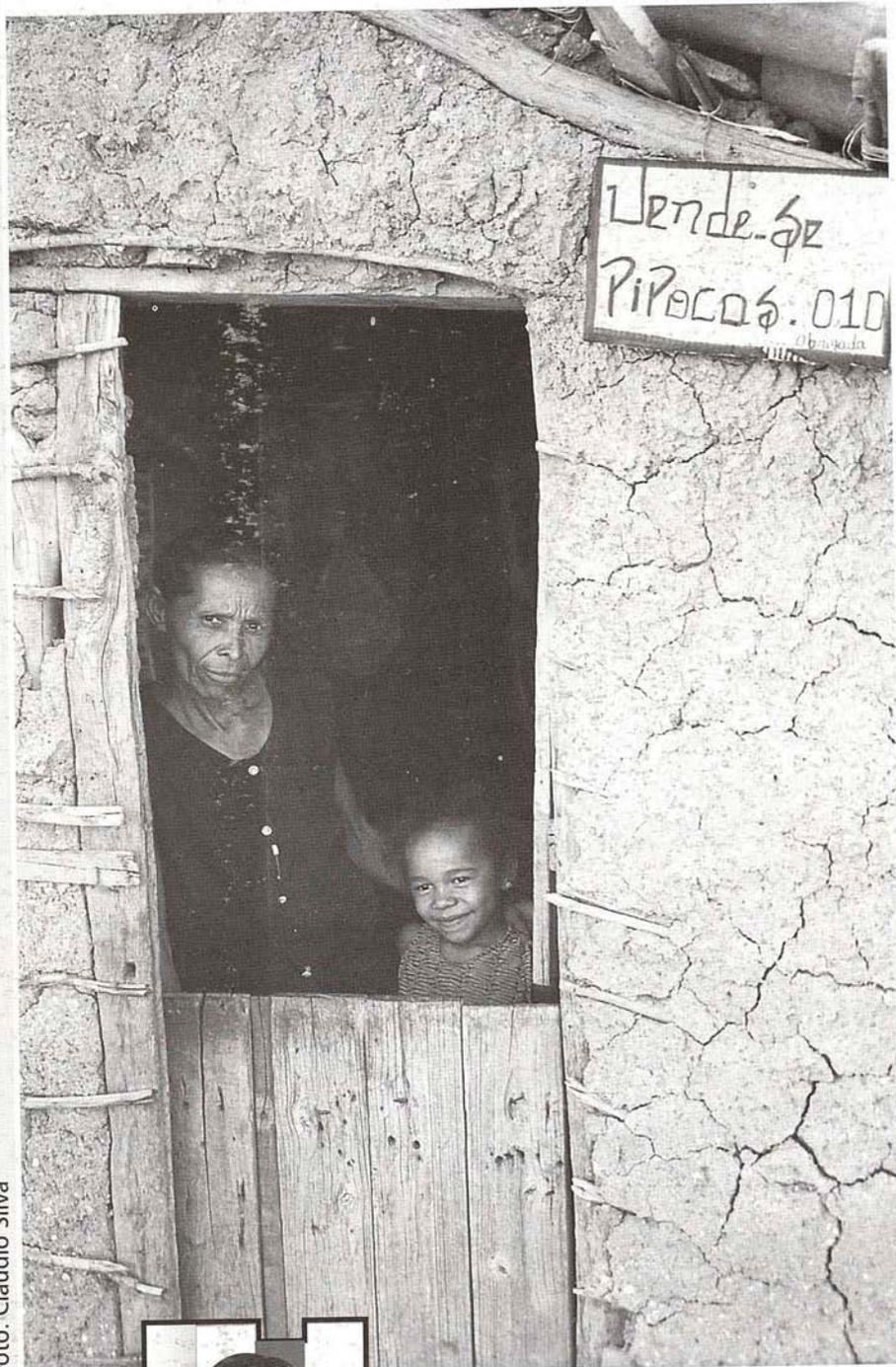


Foto: Claudio Silva

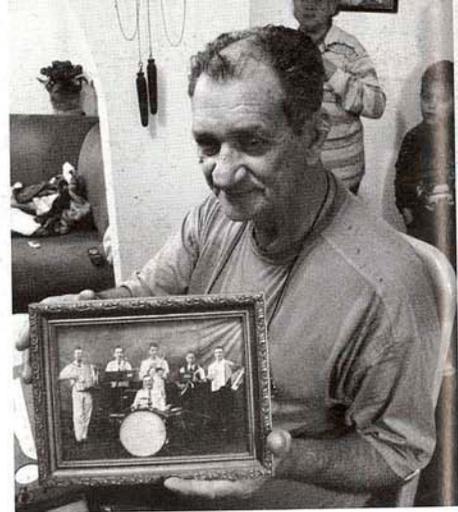
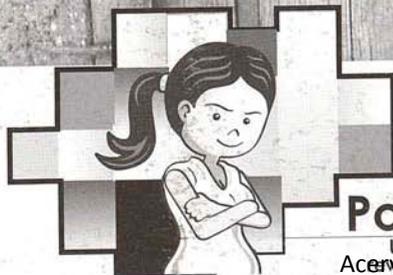


Foto: Rubens Lopes

Maestro Kramer  
e a arte de ensinar  
na página 04

Repórter fotográfico,  
"olho mandão"  
na página 14



Pobres

Uma Biblioteca Pública - Hemeroteca Digital Catarinense